

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC (FN) LUIZ ROBERTO DOS SANTOS CARNEIRO JUNIOR

A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL NA IUGOSLÁVIA (1941-1945):
Uma Análise do Conflito à Luz da Teoria de David Galula

Rio de Janeiro

2023

CC (FN) LUIZ ROBERTO DOS SANTOS CARNEIRO JUNIOR

A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL NA IUGOSLÁVIA (1941-1945):
Uma Análise do Conflito à Luz da Teoria de David Galula

Dissertação apresentada à Escola de Guerra Naval, como requisito parcial para conclusão do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CC (FN) RAFAEL ALVES RODRIGUES FERREIRA

Rio de Janeiro
Escola de Guerra Naval
2023

DECLARAÇÃO DA NÃO EXISTÊNCIA DE APROPRIAÇÃO INTELECTUAL IRREGULAR

Declaro que este trabalho acadêmico: a) corresponde ao resultado de investigação por mim desenvolvida, enquanto discente da Escola de Guerra Naval (EGN); b) é um trabalho original, ou seja, que não foi por mim anteriormente utilizado para fins acadêmicos ou quaisquer outros; c) é inédito, isto é, não foi ainda objeto de publicação; e d) é de minha integral e exclusiva autoria.

Declaro também que tenho ciência de que a utilização de ideias ou palavras de autoria de outrem, sem a devida identificação da fonte, e o uso de recursos de inteligência artificial no processo de escrita constituem grave falta ética, moral, legal e disciplinar. Ademais, assumo o compromisso de que este trabalho possa, a qualquer tempo, ser analisado para verificação de sua originalidade e ineditismo, por meio de ferramentas de detecção de similaridades ou por profissionais qualificados.

Os direitos morais e patrimoniais deste trabalho acadêmico, nos termos da Lei 9.610/1998, pertencem ao seu Autor, sendo vedado o uso comercial sem prévia autorização. É permitida a transcrição parcial de textos do trabalho, ou mencioná-los, para comentários e citações, desde que seja feita a referência bibliográfica completa.

Os conceitos e ideias expressas neste trabalho acadêmico são de responsabilidade do Autor e não retratam qualquer orientação institucional da EGN ou da Marinha do Brasil.

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo, agradeço a Deus pela minha existência, pela minha família e por proporcionar todas as condições para eu seguir a caminhada da minha vida.

À minha amada esposa Creuza, pelo amor, carinho e apoio incondicional que me permitiram ter tranquilidade para me dedicar a este trabalho.

Às minhas filhas, Júlia e Luíza, que na inocência da infância conseguem me transmitir paz e encher meu coração de alegria.

Ao meu pai, Luiz Roberto e minha mãe Alcina (in memoriam), pelo amor irrestrito e pelos sacrifícios que fizeram na vida para que eu pudesse ir em busca dos meus sonhos.

Ao meu orientador, CC (FN) Rafael Alves Rodrigues Ferreira, agradeço pela amizade, disponibilidade e pelas valiosas orientações transmitidas, fundamentais para o desenvolvimento e conclusão deste trabalho.

RESUMO

O modelo de guerra irregular ganhou destaque após meados do século XX, principalmente por estar presente em muitos dos conflitos modernos. Tornou-se um tema de estudos e discussões, além de inserido em muitas doutrinas de forças convencionais pelo mundo. Apesar do destaque nas últimas décadas, o emprego dessa forma de combate esteve presente em diversas contendas espalhadas pela história. Em 1941, no contexto da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) as tropas do Eixo haviam conquistado grande parte da Europa Ocidental e se preparavam para invasão da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Porém, para prosseguir com a operação, precisavam conquistar os Bálcãs e assegurar o seu flanco sudoeste. O objetivo desta pesquisa é analisar se as ações desenvolvidas pelas forças do Eixo na luta contra os grupos de resistência, em especial os Partisans, durante a invasão e ocupação da Iugoslávia, têm aderência ao modelo teórico de contrainsurgência do coronel do exército francês David Galula. O desenho de pesquisa selecionado foi o confronto da teoria com a realidade. Concluiu-se que não houve aderência das ações das forças do Eixo com a teoria de Galula. Foram observadas evidências que apontam que as forças Partisans se enquadraram no modelo de insurgência apresentado pelo coronel francês. Porém, as ações do Eixo pautaram-se na guerra convencional, negligenciando pontos importantes como a busca pelo apoio da população, ações políticas consoantes com as militares e adaptação das tropas para esse tipo de conflito. Por fim, o trabalho apresenta reflexões sobre possíveis aplicações do estudo a Marinha do Brasil no que tange a doutrina e preparo da Força para uma pronta resposta em caso de ameaças irregulares, tanto nacional como internacionalmente.

Palavras-chave: Guerra Irregular. Partisan. Contrainsurgência. David Galula. Iugoslávia. Eixo.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EUA – Estados Unidos da América

OSS – Office of Strategic Service

PGM – Primeira Guerra Mundial

RU – Reino Unido

SGM – Segunda Guerra Mundial

SOE – Special Operations Executive

URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - Mapa da Iugoslávia em 1941 antes da invasão do Eixo.....	47
FIGURA 2 - Mapa de distribuição da religião da população de acordo com censo de 1921....	48
FIGURA 3 - Mapa da Iugoslávia dividida após a invasão do Eixo.....	49
FIGURA 4 - Mapa do Estado Independente da Croácia, 1941-1945.....	50

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	TEORIA DA GUERRA IRREGULAR	10
2.1	Conceituação da guerra irregular	11
2.2	Características da guerra de irregular.....	12
2.3	Padrão estratégico de desenvolvimento da insurgência.....	15
2.4	Ações de contrainsurgência	17
2.5	Conclusões parciais	20
3	A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL NA IUGOSLÁVIA	21
3.1	Iugoslávia: um Estado multiétnico.....	21
3.2	Invasão do Eixo na Iugoslávia.....	23
3.3	Ocupação do Eixo na Iugoslávia.....	25
3.4	As forças de resistência na Iugoslávia.....	28
3.5	Movimentos finais do conflito	32
3.6	Conclusões parciais	35
4	CONFRONTO ENTRE A TEORIA E O OBJETO	36
4.1	Características e pré-requisitos da insurgência	36
4.2	Desenvolvimento dos Partisans à luz o modelo teórico.....	38
4.3	Ações da contrainsurgência durante o conflito.....	40
4.4	Conclusões parciais	41
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
	REFERÊNCIAS	45
	ANEXOS	47

1 INTRODUÇÃO

A guerra irregular tem se destacado como uma das principais formas de conflito do século XXI, desafiando as estruturas tradicionais e rígidas da guerra convencional¹. Apesar do recente destaque no cenário global, esse tipo de guerra esteve presente em diversos conflitos históricos. Diferente dos combates travados em campos de batalha tradicionais, a guerra irregular abrange uma ampla gama de táticas assimétricas com regras específicas que permitem um ente mais fraco se contrapor a um mais forte com eficiência.

Diante desses fatos, estudar os aspectos políticos, sociais e estratégicos que envolvem a guerra irregular torna-se crucial. Portanto, é pertinente investigar mais a fundo as dinâmicas desse modelo de guerra e suas implicações nos planejamentos e operações militares.

Durante a Segunda Guerra Mundial (SGM) (1939-1945), após a Alemanha e seus aliados terem conquistado grande parte da Europa Ocidental, iniciaram os preparativos para invadir a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), rompendo o pacto de não agressão². Contudo, antes de prosseguir com a operação, a Alemanha precisava assegurar seu flanco sudeste conquistando a região dos Bálcãs e para isso, precisava ter controle sobre a Iugoslávia e a Grécia. A Alemanha buscou, de forma diplomática, apoio do governo iugoslavo, porém a resposta final foi negativa. Sendo assim os alemães e seus aliados iniciaram uma ofensiva militar contra a Iugoslávia.

As forças regulares iugoslavas foram rapidamente derrotadas e o governo perdeu o controle do país. Entretanto, ao contrário que se imaginava, a ocupação não se deu de maneira simples. Surgiram novos inimigos que não haviam sido visualizados pelos invasores, os movimentos de resistência. Tais movimentos desafiaram o grande poderio alemão e infligiram danos consideráveis utilizando táticas de guerra irregular. Dessa forma, as forças do Eixo³ enfrentam uma guerra a parte na Iugoslávia da qual não estavam esperando para lutar.

Fruto do que foi apresentado, faremos uma análise comparativa entre teoria e realidade, adotando como objeto de estudo o conflito da SGM na Iugoslávia, no período de

¹ Conflito armado realizado nos padrões clássicos e com o emprego de armas convencionais, podendo ser total ou limitada, quer seja pela extensão da área conflagrada, quer seja pela amplitude dos efeitos a obter (BRASIL, 2015).

² Acordo assinado pela Alemanha e pela URSS no dia 23 de agosto de 1939 de não agressão em que cada signatário prometia não atacar o outro (BEEVOR, 2015).

³ Coalizão liderada por Alemanha, Itália e Japão que se opôs às potências aliadas na Segunda Guerra Mundial (BEEVOR, 2015).

1941 a 1945, particularmente no que tange às características da guerra irregular e utilizaremos como base teórica o consagrado modelo de guerra irregular de David Galula (1919-1967). Dessa maneira, o propósito do trabalho é responder ao seguinte questionamento: as ações desenvolvidas pelas forças do Eixo na luta contra os grupos de resistência, em especial os Partisans, durante a invasão e ocupação da Iugoslávia (1941-1945), têm aderência ao modelo teórico de contrainsurgência do coronel do exército francês David Galula?

Para alcançarmos o propósito estabelecido o trabalho foi desenvolvido em cinco capítulos: uma introdução, ora apresentada, seguida de um capítulo teórico onde descreveremos os principais conceitos e características da guerra irregular, o desenvolvimento dos movimentos insurgentes e as possíveis ações da contrainsurgência segundo o modelo de Galula.

No terceiro capítulo, examinaremos o conflito histórico, objeto do nosso estudo, iniciaremos com uma contextualização histórica da formação da Iugoslávia, seguindo a pesquisa analisaremos o desenvolvimento da invasão e ocupação das forças do Eixo com foco nas forças de resistência e nas operações contrainsurgentes.

Dedicaremos o quarto capítulo para identificar aderências e contrastes entre as ações desenvolvidas durante o conflito e as descritas no modelo teórico estudado, buscando validar ou não o questionamento proposto. Finalmente, no quinto capítulo, explanaremos as principais conclusões levantadas na pesquisa.

No capítulo seguinte apresentaremos os conceitos teóricos da guerra irregular segundo David Galula.

2 TEORIA DA GUERRA IRREGULAR

No presente capítulo discorreremos sobre os principais conceitos de guerra irregular norteados pela teoria de contrainsurgência do coronel David Galula. Esta análise servirá de base para o estudo das ações das forças do Eixo na ocupação da Iugoslávia na SGM, durante o período de 1941 a 1945, o objeto proposto no trabalho.

Na primeira seção, a fim de balizar o estudo, apresentaremos conceitos e definições sobre o tema, na seção seguinte serão descritas características da guerra irregular visando uma melhor compreensão desse tipo de conflito. Na terceira seção, explicaremos como Galula descreve o desenvolvimento de um movimento insurgente de sucesso e finalmente, uma seção abordando as ações do contrainsurgente para se contrapor a esse movimento. Ao final do capítulo exibiremos as conclusões parciais.

O coronel francês David Galula nasceu em 1919, em Sfax na Tunísia. Filho de pais judeus, ainda com pouco tempo de vida se mudou para o Marrocos, onde passou parte da sua infância e adolescência. Em 1939, foi para França para cursar a *Saint-Cyr*, a prestigiada escola de oficiais do exército (GHALI, 2019).

Galula teve uma admirável experiência na carreira militar, destacam-se suas passagens pelo norte da África e pelo Mediterrâneo durante a SGM. Residiu na China e Hong Kong, nos anos 1950, onde desfrutou da oportunidade de estudar detalhadamente os escritos de Mao Tsé Tung⁴, que serviram de base para formular sua teoria. Participou da pacificação da Argélia por dois anos comandando uma companhia do exército, nessa oportunidade pode implementar e testar parte de sua teoria, logo após, teve uma breve passagem pelo Estado-Maior de Defesa Nacional, em Paris. Em 1961, prosseguiu seus estudos em Harvard nos Estados Unidos da América (EUA), onde escreveu suas principais obras: *Pacification in Algeria: 1956-1958* (1963) e *Counterinsurgency: Theory and Practice* (1964)⁵ (GHALI, 2019).

Insta esclarecer que, apesar de atualmente David Galula ser reconhecido como um dos principais teóricos da contrainsurgência, esse destaque se deu anos após sua morte, em 1967. Seus conceitos ganharam visibilidade quando os Estados Unidos da América, durante a

⁴ Político, teórico marxista, revolucionário, liderou a Revolução Chinesa de 1949 a 1959 e primeiro presidente da República Popular da China (MAO TSE TUNG. In: BRITANNICA. Disponível em <https://www.britannica.com/biography/Mao-Zedong>. Acesso em: 07jul 2023).

⁵ Pacificação na Argélia: 1956-1958 e Contrainsurgência: Teoria e Prática (tradução nossa).

Segunda Guerra do Iraque (2003-2011), identificaram uma lacuna teórica acerca da doutrina de contrainsurgência e passaram a utilizar as obras do coronel como base para seus manuais (MARLOWE, 2010).

2.1 Conceituação da guerra irregular

Após breve elucidação sobre autor, seguiremos com algumas definições e conceitos que auxiliarão o desenvolvimento e a compreensão do nosso estudo.

David Galula (1964) define guerra revolucionária como um conflito interno, com regras especiais que sofre, em algum nível, influência externa e onde grupos nacionais identificados como insurgentes desafiam o governo, a polícia e as forças armadas. O objetivo maior dos insurgentes é a tomada de poder ou a separação do país existente. A contrapartida desses movimentos seria os contrainsurgentes.

Dentro desse contexto, existem três formas de tomar o poder pela força, a saber: por meio de uma revolução, que seria uma reviravolta explosiva, repentina e espontânea; pela conspiração, que descreve como um complô de um grupo insurgente para derrubar a alta liderança do país; e através da insurgência, que é uma luta prolongada passando por objetivos intermediários até a derrubada da ordem existente (GALULA, 1964).

O coronel Alessandro Visacro⁶ (2009), emprega a expressão “guerra irregular” e a define como um combate informal, dinâmico, flexível e mutável que foge aos padrões rígidos aplicáveis à guerra convencional. Relaciona guerra irregular com os outros termos de uso comum, tais como: pequena guerra, guerra de Partisans, guerra não convencional⁷ e conflito de baixa intensidade.

Segundo Visacro (2009), devido à amplitude da definição, o conceito guerra irregular se distende em outras categorias de conflitos: guerra de independência, que seria uma guerra de libertação nacional; guerra civil, um conflito armado não internacional; guerra de resistência, conduzido por nacionais contra uma força de ocupação estrangeira; guerra

⁶ Oficial de infantaria do Exército Brasileiro, autor do livro “Guerra Irregular: terrorismo, guerrilha e movimentos de resistência ao longo da história” (VISACRO, 2009)

⁷ Qualquer conflito que não se enquadre nos termos da Guerra Convencional, seja por não se inserir nos padrões clássicos de emprego do poder militar, seja pela utilização predominante de armas consideradas não convencionais (BRASIL, 2015)

revolucionária, luta armada que visa à conquista do poder para a implantação de um novo sistema; e insurreição uma revolta organizada popular sem motivação ideológica formada.

O teórico do assunto David Kilcullen⁸ (2010) define como insurgência uma luta político-militar organizada e prolongada destinada a enfraquecer o controle e a legitimidade de um governo estabelecido, ou poder de ocupação ao mesmo tempo que aumenta o poder do insurgente. No mesmo contexto, a contrainsurgência são as ações militares, políticas, econômicas, psicológicas tomadas por um governo para derrotar a insurgência.

O manual de operações contra forças irregulares de Fuzileiros Navais da Marinha do Brasil define guerra irregular como:

É a forma, método ou processo de realizar ações ou operações militares, por forças irregulares, contra um governo estabelecido ou um poder de ocupação, compreendendo ações interligadas de guerra de guerrilha e de subversão (BRASIL, 2020, p. 1-3).

Para atingirmos o objetivo do nosso trabalho adotaremos os termos guerra irregular, guerra de insurgência e guerra de resistência como expressões equivalentes, dado as características do objeto de estudo. Os vocábulos guerrilheiros ou insurgentes serão adotados para representar os atores que pertenciam às nações ocupadas e utilizavam das táticas de guerrilha para atingir seus objetivos, a contrapartida será tratada de contrainsurgente.

Dado a contextualização dos termos e definições relevantes, seguiremos para a próxima seção onde abordaremos os principais pontos teóricos sobre os movimentos de insurgência segundo Galula.

2.2 Características da guerra de irregular

É necessário observar sobretudo que, para Galula (1964), a guerra irregular é um caso excepcional de luta, além de possuir regras específicas, elas não se aplicam da mesma maneira para as duas partes do conflito. Apesar de lutarem a mesma guerra, no que diz respeito ao tempo e espaço, o insurgente e o contrainsurgente tem abordagens distintas. Como

⁸ Ex-soldado, diplomata e estudioso da guerra de irregular, terrorismo, urbanização e conflito do futuro, que serviu 25 anos para os governos da Austrália e dos Estados Unidos (KILCULLEN. UNSW CAMBERRA: Disponível em: <<https://www.unsw.edu.au/staff/david-kilcullen>> Acesso em 07jul2023)

metaforizou o coronel francês, “Em uma luta entre uma mosca e um leão, a mosca não pode desferir um nocaute e o leão não pode voar”⁹ (GALULA, 1964, p. xi, tradução nossa).

Em outras palavras, o insurgente tem a prerrogativa de iniciar uma guerra de resistência, o contrainsurgente apenas responder a uma primeira ação. Existe uma assimetria de forças tangíveis e intangíveis entre lados. Principalmente nos momentos iniciais, onde o insurgente possui poucos recursos, enquanto o contrainsurgente tem a máquina pública ao seu lado. Isso resulta da própria natureza do conflito e reflete na diferença entre posturas, geralmente ativas, para os insurgentes e passiva para os contrainsurgente (GALULA, 1964).

Em verdade, a assimetria das forças fica bem representada nos antagonismos entre a fluidez e a rigidez dos lados do conflito. O guerrilheiro é fluido e possui poucos ou nenhum ativo tangível para defender, justamente o contrário do contrainsurgente e isso traduz sua rigidez. A manutenção da fluidez é benéfica principalmente como meio de balancear o desequilíbrio de forças entre os oponentes (GALULA, 1964).

Assim sendo, a conquista de terreno e destruição das forças oponentes já não são os principais propósitos a serem alcançados. A luta passa a ter novos objetivos e a população torna-se o principal objeto de cobiça. A disputa pelo seu apoio é uma das principais características da guerra de insurgência. Tal apoio, que raramente é espontâneo, não se refere apenas a uma simpatia ou aprovação ociosa, deve ser refletido no apoio ativo da população (GALULA, 1963).

No que tange às operações de informação¹⁰, o uso da propaganda¹¹ para alcançar o apoio da população torna-se indispensável. Cabe ressaltar que a falta de responsabilidade do insurgente reflete na liberdade de usar todos os truques de propaganda que lhe convier. É livre para mentir, trapacear ou exagerar sem ter que provar seus atos. Já o contrainsurgente é julgado pelo que promete e não faz, ele é obrigado a provar seus atos (GALULA, 1964). Desta forma a propaganda é uma arma poderosa para ambos os lados, porém o guerrilheiro pode usá-la sem o ônus da prova.

⁹ No original: In a fight between a fly and a lion, the fly cannot deliver a knockout blow and the lion cannot fly (GALULA, 1964, Counterinsurgency Warfare: Theory and Practice).

¹⁰ Ações coordenadas sobre o ambiente de informação e executadas, com o apoio da inteligência, para influenciar um oponente real ou potencial, diminuindo sua combatividade, coesão interna e externa e capacidade de tomada de decisão, bem como para a proteção do próprio processo decisório, concorrendo, assim, para a consecução dos objetivos políticos e militares (BRASIL, 2015).

¹¹ Difusão de qualquer informação, ideia, doutrina ou apelo especial, visando a influenciar opiniões, gerar emoções, provocar atitudes ou dirigir o comportamento de indivíduos, ou grupos sociais, a fim de beneficiar, direta ou indiretamente, quem a promoveu (BRASIL, 2015)

A luz da superioridade material do contrainsurgente e da fragilidade do guerrilheiro, as chances de sucesso do movimento dependerá do cumprimento de alguns pré-requisitos. Aduz o autor que um pré-requisito preponderante é ter uma causa atraente pelo qual lutar. Dada a necessidade de conquistar o apoio popular, uma causa bem fundamentada e consistente servirá de triunfo para atingir esse objetivo. “A melhor causa para o propósito do insurgente é aquela que, por definição, consegue atrair o maior número de simpatizantes e repelir o mínimo de adversários”¹² (GALULA, 1964, p. 13, tradução nossa).

Concomitantemente com a causa, Galula (1964) defende que a existência de fraquezas do contrainsurgente é outro pré-requisito para uma insurgência efetiva. O insurgente deve explorar os pontos fracos do sistema para incrementar seus ganhos e aumentar suas capacidades. Questões como baixo nível de aceitação nacional sobre a governança, pouco ou nenhum conhecimento dos líderes sobre as estratégias e táticas específicas de como combater uma insurgência ou meios de controle da população¹³ medíocres são aproveitados pelos guerrilheiros para minar força e poder do contrainsurgente.

Convém destacar outro fator preponderante para uma insurgência, o apoio externo. Apesar de não ser absolutamente necessário e no início do conflito, torna-se primordial com o passar do tempo. Esse apoio pode se dar de diversas maneiras, desde apoio moral a causa, apoio político direta ou indiretamente por meio de ações diplomáticas na comunidade internacional, apoio técnico com assessoramentos na condução das operações políticos-militares, apoio financeiro declarado ou oculto e até mesmo apoio militar com intervenção direta e fornecimento de meios militares (GALULA, 1964).

Pelo exposto, a guerra irregular apresenta características e peculiaridades marcantes em comparação a guerra convencional. As forças são desproporcionais, não seguem as mesmas regras e buscam alcançar seus objetivos de maneiras distintas. Extrai-se do ensino que o apoio da população é fator capital quando se trata desse tipo de conflito.

Os guerrilheiros vão buscar tal apoio fazendo uso de ferramentas como a propaganda, uma causa interessante e até mesmo através da exploração das fraquezas administrativas do governo. Em contrapartida, o contrainsurgente vai usar a força da máquina pública para

¹² No original: The best cause for the insurgent's purpose is one that, by definition, can attract the largest number of supporters and repel the minimum of opponents (GALULA, 1964, *Counterinsurgency Warfare: Theory and Practice*).

¹³ Os meios de controle da população, segundo Galula, são: a estrutura política, a burocracia administrativa, a polícia e as Forças Armadas (GALULA, 1964).

mitigar as ações do oponente e manter a população ao seu lado. Ademais, o desbalanceamento de forças entre os contendores pode ser mitigado, pelo insurgente, mediante fluidez nas ações, apoio externo e com o apoio popular.

Seguiremos o estudo com uma abordagem sobre como se desenvolve o movimento insurgente, segundo a visão do autor.

2.3 Padrão estratégico de desenvolvimento da insurgência

No que diz respeito a doutrina de insurgência, David Galula (1964) divide em dois tipos de padrões estratégicos. O primeiro é baseado nas histórias de guerras revolucionárias e apoiada nas experiências dos comunistas chineses na Revolução Comunista (1949), chamado de padrão ortodoxo, que tem objetivo de derrubar a ordem existente e de realizar uma completa transformação no sistema atual. O segundo é o padrão burguês-nacionalista, onde o objetivo se limita a tomada do poder, postergando as demais preocupações para o período pós-conflito.

Por melhor refletir as circunstâncias do objeto de nosso estudo, vamos estudar e detalhar o padrão ortodoxo. Dentro desse padrão, para atingir os propósitos de derrubar a ordem vigente e posterior implantação de uma doutrina comunista, Galula identifica alguns passos a serem seguidos.

Para essa temática, o primeiro passo é a criação de um partido político consistente, formado por uma elite, que devote pela causa proposta e tenha condições de atuar tanto de forma aberta quanto clandestina. No segundo movimento, o partido deve reunir aliados para consolidar uma frente unida. Até esse ponto o movimento se encontra em sua fase fria, pois as atividades permanecem, em geral, legais e não violentas (GALULA, 1963).

Sendo assim, consolidado o partido político e devidamente reforçado com aliados, como ato seguinte, inicia-se a luta armada ou a guerra de guerrilha. Essa fase indica o início da guerra revolucionária quente, onde há preponderância das atividades ilegais e violentas. As zonas rurais, afastadas do centro de poder do contrainsurgente, tornam-se terrenos favoráveis para as primeiras operações dos insurgentes. As principais táticas empregadas são

a sabotagem, emboscada, terrorismo, pequenos ataques a bases isoladas, sempre orientadas pela guerra de movimento¹⁴ (GALULA, 1964).

Destaca-se que no início da luta armada a força insurgente é ainda é pequena e a sobrevivência do guerrilheiro é o fator mais importante. Porém, o movimento buscará aumentar seu poderio progressivamente até que os recursos humanos, materiais e estruturas de bases sejam ampliados ao ponto de se tornarem equivalente a um exército regular e terem capacidades de derrotar as forças de contrainsurgência de maneira definitiva (GALULA,1964).

O passo seguinte é o movimento de guerra, onde os recursos são mobilizados para uma guerra total com enfrentamento direto entre as forças. Finalmente, como último movimento é a campanha de aniquilação, onde o objetivo é derrotar o contrainsurgente de maneira decisiva. A essa altura o equilíbrio de forças não é apenas em questão militares, mas existe solidez na estrutura política, boa parte da população mobilizada e superioridade psicológica do insurgente (GALULA, 1964).

Segundo David Galula (1964) esse padrão apresenta vulnerabilidades por parte do insurgente que podem ser exploradas pelo adversário. Nos dois primeiros passos, a principal vulnerabilidade está ligada diretamente à tolerância do poder vigente em aceitar, inerte, o início do movimento. Caso o contrainsurgente perceba o perigo nos momentos iniciais e reaja, pode ser fatal ao movimento. Outro momento de vulnerabilidade é quando as forças guerrilheiras atingem tamanho de exército regular, suas unidades, então mais numerosas, são alvos mais favoráveis para as forças convencionais dos contrainsurgentes derrotarem.

Pelos aspectos apresentados podemos inferir que, dentre os padrões estratégicos apresentados, o ortodoxo é mais complexo e demanda mais tempo para desenvolvimento do movimento. Entendemos que a formação e consolidação de um partido político é a base para o movimento e que durante esse processo, o insurgente ainda é pequeno, evitando usar a violência, permanecendo nos limites da lei, almejando ganhar robustez e incrementar seus recursos. Fato que torna difícil a identificação da ameaça e por consequência custoso de se contrapor.

Em suma, a todo tempo o movimento insurgente busca crescer e se desenvolver. Assim que o grupo ganha força e tamanho, lança-se para a fase quente do conflito, onde há presença

¹⁴ Tipo de tática na qual o insurgente pode explorar sua fluidez, sua melhor inteligência e as facilidades logísticas simples, mas eficazes, através do país, oferecidas pela população organizada (GALULA, 1964).

da violência e das atuições nos embates. Nesta fase, a guerrilha busca desestabilizar o governo, por meio de ações de guerra irregular.

Após descrição do desenvolvimento do padrão ortodoxo da insurgência e seus passos, abordaremos na próxima seção possíveis ações sob a perspectiva do contrainsurgente.

2.4 Ações de contrainsurgência

Segundo Galula (1964) a contrainsurgência deve ter primazia em obter o apoio da população e obter informações sobre a identidade e localização dos insurgentes para então derrotar o movimento de insurgência. Deve priorizar ações nas fases iniciais do conflito quando o movimento ainda é incipiente e pode ser contido mais facilmente. O autor reitera a importância de identificar e neutralizar os líderes insurgentes, desarticular as redes de apoio, comprometer a articulação política do partido e interromper a disseminação da propaganda insurgente. Nesse contexto, o contrainsurgente pode empregar ações diretas ou indiretas.

A ação direta consiste em privar o insurgente da possibilidade de construir seu movimento, agindo diretamente sobre os líderes, por meios legais e políticos, prendendo-os ou restringindo sua capacidade contatar a população (GALULA, 1964).

Na ação indireta o contrainsurgente deve agir em dois fatores descritos anteriormente, a causa e a fraqueza do sistema. Quanto a causa, deve-se buscar revolver problemas básicos que afligem a população, para mitigar a fraqueza do sistema deve-se fortalecer a burocracia, adaptar o sistema judicial frente à ameaça, além de reforçar a polícia local e as forças armadas (GALULA, 1964).

Da mesma forma, no período da guerra revolucionária quente, onde a violência se faz presente, é o momento que o contrainsurgente usa a força para se contrapor ao inimigo. Nesta fase, fica evidente a característica não convencional do conflito. Assim sendo, ações como uso maciço da inteligência como fonte de informação, a busca pelo apoio da população e integração dos esforços políticos com os militares são primordiais para uma campanha efetiva. Nesse contexto, é sugerido uma estratégia geral que orienta a sequência dos esforços para eliminar a insurgência (GALULA, 1964).

Aduz Galula (1964) que, após selecionar uma área específica, primeiramente o contrainsurgente deve concentrar forças suficientes para destruir ou expulsar o corpo principal do inimigo. Em seguida deve manter tropa nas áreas desobstruídas para impedir

tentativas de retorno dos guerrilheiros. Próximo passo é estabelecer contato com a população local e controlar seus movimentos, visando cortar todos os vínculos com a guerrilha. Logo após, deve destruir as organizações políticas oponentes, constituir novos líderes administrativos mediante eleições, controlar esses líderes e agrupá-los em um movimento nacional. Finalmente, conquistar ou suprimir os últimos insurgentes remanescentes.

Cabe ressaltar que, para a destruição das forças guerrilheiras exige-se que estas sejam localizadas e imediatamente cercadas, porém devido a sua fluidez eles são difíceis de serem detectados pelos meios convencionais do contrainsurgente. Com isso, a inteligência é a principal fonte de informação sobre guerrilheiros e o uso judicioso das informações obtidas contribuem para o planejamento e eficácia das operações. A principal fonte de inteligência é a população, a aproximação e o seu apoio são fundamentais para obtenção de informações (GALULA, 1964).

Mesmo que os contrainsurgentes consigam eliminar os insurgentes de uma determinada área, é quase impossível impedir que ele retorne ou se movimente para outra localidade onde o controle exercido pelas forças de segurança é mais insipiente, a menos que a população coopere. Nessa perspectiva, Galula (1964) defende que a população é o objetivo tanto para o contrainsurgente quanto para seu inimigo. O apoio não deve se limitar a aprovação passiva, deve-se buscar a participação ativa na luta contra o insurgente. A técnica consiste em contar com a minoria apoiadora para reunir a maioria neutra e neutralizar a minoria hostil.

Dado que o objetivo é a população, o autor defende que todos os esforços devem ser voltados para esse fim e indica que a contrainsurgência deve adotar uma abordagem combinada que integre esforços militares e políticos. O coronel francês destaca a importância de combinar ações de segurança, como patrulhamento e defesa de instalações, com medidas políticas que abordem as causas subjacentes do conflito. A primeira etapa é estabelecer uma presença governamental efetiva na área afetada, isso envolve o estabelecimento de bases, postos avançados e a alocação de recursos para melhorar a governança e os serviços básicos. Segundo Galula (1964, p. 63) “uma guerra revolucionária é 20 por cento de ação militar e 80 por cento política”¹⁵ (tradução nossa).

¹⁵ No original: A revolutionary war is 20 per cent military action and 80 per cent political (GALULA, 1964, Counterinsurgency Warfare: Theory and Practice).

Galula (1964) entende que mais do que qualquer outro tipo de conflito, a contrainsurgência requer uma condução seguindo o princípio da direção única. O princípio preza que um único líder coordene as operações políticas e militares durante todo período do conflito. Neste ponto o poder político é inquestionavelmente o líder supremo, por questão de princípio e praticidade. Como descrito pelo autor, “a política torna-se instrumento ativo da operação” (GALULA, 1964, p. 5, tradução nossa). Embora a ação militar seja importante, ela é secundária em relação à política, cujo objetivo principal é fornecer ao poder político a liberdade necessária para agir com segurança junto à população.

O coronel chama a atenção para a relevância da adaptabilidade e flexibilidade das forças contrainsurgentes durante o conflito. Galula (1964) defende que as táticas e estratégias devem ser constantemente ajustadas com base na evolução da insurgência e nas condições locais. As forças militares do contrainsurgente devem cumprir duas missões essencialmente distintas: dismantelar a capacidade militar do insurgente e assegurar a segurança territorial em cada região. É aconselhável que se estructurem em dois tipos de unidades, sendo uma de caráter móvel, apoiada com meios de transporte modernos, especialmente helicópteros, que permitem a combinação de força e rapidez, e outra de caráter estático, que permanece junto à população para proporcionar proteção e auxiliar os esforços políticos.

É relevante fixar a importância do uso da propaganda como ferramenta da contrainsurgência. Faz-se necessário conquistar a mente e o coração da população, ganhando sua confiança e convencendo-a a rejeitar a insurgência e a apoiar o governo. Isso envolve o uso de propaganda, programas de persuasão e educação para combater a narrativa insurgente e mostrar que a causa e situação do contrainsurgente são melhores que as do inimigo (GALULA, 1964).

Face ao exposto, podemos entender que a contrainsurgência deve focar nas fases iniciais do conflito, onde o movimento insurgente ainda é incipiente e pode ser contido de maneira menos custosa. É fundamental adotar uma abordagem combinada que integre esforços militares e políticos, com preponderância ao último.

A adaptação e flexibilidade das forças contrainsurgentes são cruciais, ajustando táticas e estratégias conforme a evolução da insurgência e as condições locais. Por fim, outro fator de destaque é o papel significativo desempenhado pela propaganda na conquista do apoio da população e no combate à narrativa insurgente.

Seguiremos com as conclusões obtidas sobre o capítulo.

2.5 Conclusões parciais

Em virtude dos fatos mencionados, podemos constatar a complexidade da guerra irregular e suas peculiaridades em relação a uma guerra convencional. A assimetria de forças é refletida nas diferentes estratégias e ações adotadas pelos lados do conflito.

Os insurgentes têm que superar sua fragilidade inicial e esforçar-se em ampliar seu movimento para conseguir tomar o poder, para isso pode se valer do padrão estratégico ortodoxo de desenvolvimento. Alinhado a isso, usa a narrativa de uma causa consistente, por meio de um partido político previamente estruturado, para adquirir o apoio ativo da população. Para alcançar seus objetivos usam a propaganda a seu favor, buscam apoio externo para conseguir recursos, tiram proveito do seu tamanho e fluidez para ações irregulares de desgaste como sabotagens, emboscadas e até terrorismo.

O contrainsurgente enfrenta o desafio de combater contra um inimigo que não é bem definido, que é fluido e se mistura com a população. Deve recorrer a recursos políticos em detrimento às ações militares. O soldado precisa modificar sua abordagem, deixando de buscar apenas a imposição máxima de fogo e destruição ao inimigo. Essa flexibilidade e adaptação das forças militares torna-se essencial para combater em um ambiente diferente do tradicional.

Uma conclusão importante é o foco na população para esse tipo de conflito. O apoio popular torna-se ponto focal onde ambos os lados concentram suas forças. O uso eficaz da propaganda, da narrativa da causa e de ações políticas contribuem para alcançar esse apoio.

Após apresentação dos principais pontos da teoria de guerra irregular do coronel David Galula, seguiremos no capítulo seguinte com o estudo das ações das forças do Eixo na ocupação da Iugoslávia durante a SGM.

3 A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL NA IUGOSLÁVIA

No desenrolar de SGM, após a conquista de parte do território da Europa, as forças do Eixo lançam uma ofensiva contra os Bálcãs com objetivo de controlar a Iugoslávia e a Grécia e assegurar o flanco sudeste, primordial para a posterior Operação Barbarossa¹⁶.

Os resultados obtidos contra a Iugoslávia foram, em primeiro momento, rápidos e eficazes, porém, com o tempo, a luta se transformou em uma guerra irregular contra as forças de resistência do país. A campanha dos Bálcãs tornou-se mais complexa que o esperado, resultando na retirada das forças de ocupação e vitória da resistência iugoslava.

Diante disto, apresentaremos no presente capítulo o desenvolvimento da SGM na Iugoslávia iniciando com uma contextualização histórica sobre o país, em seguida abordaremos a invasão do Eixo nos Bálcãs, as ações durante os anos de ocupação. No terceiro item analisaremos as forças de resistência e então as ações desenvolvidas contra essas forças, e finalizando o capítulo com as conclusões parciais.

3.1 Iugoslávia: um Estado multiétnico

A formação da Iugoslávia ocorreu dentro do contexto do fim da Primeira Guerra Mundial (PGM) (1914-1918) em consequência do desmantelamento dos Impérios Austro-Húngaro e Otomano. Em dezembro de 1918, Croácia, Eslovênia, Bósnia, Herzegovina, Montenegro e o Reino da Sérvia, que já incluía Kosovo, Macedônia e Voivodina uniram-se como um único Estado: o Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos. Em janeiro de 1929, passou a ser chamado de Reino da Iugoslávia. A origem dessa união vem do “Ilirismo”, movimento que surgiu na Croácia no final do século XIX e defendia a união dos povos eslavos do sul em um único estado igualitário e livre de dominação estrangeira (HALL, 2014).

Entretanto, a formação do país não ocorreu de maneira unânime. A ideia de unir as nações foi proposta, inicialmente, por movimentos nacionalistas sérvios, que tinham a união dos povos eslavos do sul como um objetivo político e cultural. Apesar de líderes políticos croatas defenderem a Independência da Croácia, a pressão da opinião pública e do Conselho

¹⁶ Codinome da invasão alemã a União Soviética na Segunda Guerra Mundial, lançada em 22 de junho de 1941 (BARBAROSSA: In BRITANNICA. Disponível em: <https://www.britannica.com/event/Operation-Barbarossa> Acesso em 09jul2023)

Nacional dos Eslovenos, Croatas e Sérvios¹⁷ levaram os mesmos a concordarem com a união e a formação do novo país (FIG. 1, ANEXO A) (TOMASEVICH, 2001).

Chama a atenção que os povos tinham histórias diferentes e nunca viveram sob o mesmo governo. O novo reino englobava cinco diferentes nações principais: sérvios, croatas, eslovenos, macedônios e montenegrinos, além de muitas minorias nacionais dois quais alemães, húngaros, albaneses e turcos tinham destaque. Italianos, romenos, ciganos e rutenos também compunham a população, porém em menor número (TOMASEVICH, 2001).

No que diz respeito a religião, sérvios, montenegrinos e macedônios eram cristãos ortodoxos orientais; croatas, eslovenos e húngaros eram católicos romanos. Na Bósnia e Herzegovina um terço da população era muçulmana de sangue eslavo. No Kosovo e na Macedônia a maioria era muçulmana de origem turca ou albanesa (FIG. 2, ANEXO B) (HALL, 2014).

É proveitoso observar que, as diferenças de idiomas e culturas entre sérvios, croatas, eslovenos, bósnios e montenegrinos criaram, além de obstáculos políticos, problemas sociais e econômicos. As várias partes geográficas do novo reino apresentaram níveis muito desiguais de desenvolvimento econômico e educacional, algumas regiões apresentavam algum grau de desenvolvimento e industrialização, outras eram subdesenvolvidas e totalmente agrícolas (TOMASEVICH, 2001).

Dentro desse contexto, a Iugoslávia enfrentou dificuldades significativas durante as décadas de 1920 e 1930. O país era muito dependente da agricultura, enfrentava problemas de pobreza rural, pouca industrialização e desigualdade econômica. Esses desafios econômicos alimentavam o descontentamento e a instabilidade social. O rei Alexandre I (1888-1934) tentou centralizar o poder e suprimir as divisões regionais mediante uma ditadura real, mas isso não foi suficiente para resolver os problemas. (GILBERT, 2014).

Por tais razões, fica claro os desafios que a Iugoslávia enfrentou para se consolidar como nação. O Estado foi criado com populações multiétnicas, multiconfessional e sem uma liderança política capaz de unir o país para enfrentar essas questões. Essas diferenças étnicas, culturais e religiosas entre os grupos levaram a tensões e conflitos internos desde sua formação até as vésperas da SGM.

¹⁷ Assembleia estabelecida, em 3 de março de 1918, por resolução unindo representantes dos partidos e grupos políticos eslavos do sul que defendiam os princípios de unidade nacional e autodeterminação (TOMASEVICH, 2001).

Na seção seguinte apresentaremos como foram desencadeadas as relações entre a Iugoslávia e a Alemanha que resultaram na invasão do país.

3.2 Invasão do Eixo na Iugoslávia

Desde sua formação, a Iugoslávia conseguiu proteger sua integridade territorial e a sua independência, agindo através da Liga das Nações¹⁸ e do apoio de potências vitoriosas da PGM. A ascensão de Adolf Hitler (1889-1945) no comando da Alemanha e o declínio do poder francês, somada a falta de suporte dos aliados ocidentais aos problemas econômicos do país, mantinham o governo em sua política de neutralidade, porém cada vez mais inclinada para Roma e Berlim (PAVLOWITCH, 2008).

Em 1º de setembro de 1939, o ataque alemão à Polônia iniciou a SGM. O rápido colapso da Polônia, seguido da agressão da Alemanha à Tchecoslováquia e da Itália à Albânia, criaram uma forte tensão na Europa. Nesse contexto, a Iugoslávia passou sofrer investidas diplomáticas do Terceiro *Reich*¹⁹ para se aliar ao Eixo. Entretanto, o país manteve sua posição de neutralidade quanto ao conflito, mesmo não sendo unanimidade dentro do governo (PAVLOWITCH, 2008).

Em junho de 1940, foram estabelecidas relações diplomáticas com a URSS com a esperança de obter apoio diplomático, mas também o fornecimento de armamentos. A essa altura, a França havia caído, Benito Mussolini (1883-1945) havia entrado na guerra ao lado da Alemanha e não havia muito que o Reino Unido (RU) pudesse fazer pela Iugoslávia. Desta forma, o país estava isolado e sem o apoio das principais potências europeias, que por hora, estavam engajadas com o conflito mundial (PAVLOWITCH, 2008).

A Alemanha, Itália e Japão assinaram o Pacto Tripartite²⁰, em 27 de setembro de 1940. Hungria, Eslováquia e Bulgária ingressaram logo depois. Insatisfeito com a neutralidade da Iugoslávia, Hitler fez uma imposição para que o país aderisse ao Eixo até 25 de março de 1941.

¹⁸ Organização de cooperação internacional, criada em 10 de janeiro de 1920, por iniciativa das potências aliadas vitoriosas no final da PGM e foi formalmente dissolvido em 19 de abril de 1946 (LEAGUE: In BRITANNICA. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/League-of-Nations>. Acesso em 09jul23

¹⁹ Designação nazista oficial para o regime na Alemanha de janeiro de 1933 a maio de 1945 (REICH: In BRITANNICA. Disponível em: <https://www.britannica.com/place/Third-Reich>> Acesso em 09jul23

²⁰ Aliança de defesa celebrada entre Alemanha, Itália e Japão em 27 de setembro de 1940. (TRIPARTITE. In BRITANNICA. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Tripartite-Pact> Acesso em 09jul23

Seu principal objetivo em controlar os Bálcãs era proteger seu flanco sudeste em apoio a operação de invasão à URSS (PAVLOWITCH, 2008).

O príncipe Paul (1893-1976), então regente da Iugoslávia, sabendo que o país não estava preparado para um conflito militar, cedeu e assinou o protocolo de adesão ao Pacto Tripartite, pelo qual a Iugoslávia reconhecia a liderança da Alemanha e da Itália no estabelecimento de uma nova ordem na Europa. A quebra da política de neutralidade foi fator decisivo para a oposição sérvia, que já estava insatisfeita com o governo do regente. Em 27 de março houve um golpe militar, sem derramamento de sangue, onde foi proclamado o Rei Peter II (1923-1970), aos 17 anos, como novo chefe de Estado (PAVLOWITCH, 2008).

Diante deste fato, a Iugoslávia voltou a ser um fator de risco ao plano de conquista dos Bálcãs pela Alemanha. Insatisfeito com tal postura, Hitler ordenou que planos para a invasão fossem preparados imediatamente, tais planos deram origem à Diretiva 25, de 27 de março de 1941 (BATTISTELLI, 2021).

Cabe ressaltar que o *Fuhrer*²¹ possuía um sentimento anti-sérvio, criado desde a PGM onde os consideravam os principais perturbadores da ordem europeia. Com isso, um dos propósitos velados da invasão era punir os sérvios, dos quais, considerava os principais perturbadores da ordem europeia (PAVLOWITCH, 2008).

A Operação Punição²² alemã começou na madrugada de 6 de abril de 1941 com bombardeios aéreos a cidade de Belgrado que duraram três dias e destruíram quase cinquenta por cento das edificações (PAVLOWITCH, 2008). Os ataques aéreos colocaram aeródromos fora de ação, destruíram a maioria da força aérea iugoslava, interromperam as comunicações e causaram o caos generalizado, facilitando a invasão simultânea por terra (BATTISTELLI, 2021).

Em 10 de abril, os alemães entraram em Zagreb, e com o apoio das forças de ocupação, a Croácia se separou da Iugoslávia sob a liderança dos Ustashas²³. Após as defesas regulares terem fracassado, o Comando das Forças Iugoslavas pediu para que todas as unidades agissem por iniciativa própria. O Rei Peter e o Comando Supremo perderam rapidamente o controle e deixaram Belgrado formando o governo em exílio no RU (PAVLOWITCH, 2008).

²¹ Título usado por Adolf Hitler para definir sua autoridade absoluta no Terceiro Reich da Alemanha (1933-1945) (REICH. In: BRITANNICA. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Fuhrer> Acesso em 09jul23).

²² Segundo Beevor (2015), se chamou *Operation Strafgericht*, Operação Vingança (tradução nossa).

²³ Movimento fascista croata que nominalmente governou o Estado Independente da Croácia durante a SGM (USTASHA. In: BRITANNICA. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Ustasa> Acesso em 09jul23).

Por seu turno, a Itália e a Hungria iniciaram suas ofensivas nos Bálcãs. O Segundo Exército italiano engajou em confrontos com unidades iugoslavas na fronteira Ítalo-iugoslava. Com a *Luftwaffe*²⁴ perseguindo os remanescentes das unidades iugoslavas, os italianos enfrentaram pouca resistência e, na noite de 11 de abril, eles já haviam tomado Liubliana, capital da Eslovênia, e capturado cerca de 30.000 prisioneiros (BATTISTELLI, 2021).

Em 17 de abril, as forças armadas da Iugoslávia assinaram a rendição. A Polônia resistiu trinta e cinco dias, a França quarenta e três; na Iugoslávia, tudo acabou em apenas doze dias. O rápido triunfo foi alcançado pela superioridade aérea, pelo poder blindado, pelas operações relâmpago nos centros de comando e controle e pelo veloz avanço das divisões motorizadas. Apesar da participação de outros países do Eixo na investida, a vitória foi quase inteiramente alemã (PAVLOWITCH, 2008).

Pelos fatos expostos observa-se que, quando a SGM eclodiu na Europa, a Iugoslávia ainda buscava uma estruturação interna política e econômica. A carência de apoio de potências aliadas e a pressão de Hitler sobre a posição de neutralidade contribuíram para que o governo cedesse e aliasse com o Eixo. O golpe de tomada de poder deixa claro a fragilidade política que o país enfrentava. Porém, o novo governo provou que o país não estava preparado para uma guerra convencional contra a máquina de guerra alemã.

Como a Alemanha não poderia renunciar a proteger seu flanco sudeste para a Operação Barbarossa, lançou uma forte ofensiva contra a Iugoslávia que rapidamente caiu.

No item seguinte descreveremos os feitos durante o período de ocupação das forças do Eixo na Iugoslávia.

3.3 Ocupação do Eixo na Iugoslávia

Com a ofensiva completa, os alemães começaram a desmembrar a Iugoslávia. A Eslovênia oriental foi anexada ao Terceiro *Reich*, foi criado o estado independente da Croácia, a Sérvia perdeu porções de seu território para Hungria, Bulgária e Albânia e a Itália ocupou o oeste da Eslovênia, porções da costa do Adriático e Montenegro. Assim, Hitler cumpriu seu objetivo de desmantelar a Iugoslávia como uma entidade nacional (FIG. 3, ANEXO C) (LEARY, 1995).

²⁴ Componente aéreo das forças armadas alemãs (BATTISTELLI, 2021).

A Croácia e Bósnia-Herzegovina foram unificadas no Estado Independente da Croácia (FIG. 4, ANEXO D) sob a liderança do fascista Ante Pavelic (1889–1959), porém controlado pelos italianos. Para fins de segurança e operações de segurança, o país foi dividido em zonas de interesse alemã e italiana, separadas por uma linha ao longo do eixo Visegrad-Sarajevo-Banja Luka. Para liberar as tropas alemãs para emprego na Operação Barbarossa, a ocupação dos Bálcãs seria primordialmente da responsabilidade dos italianos (KENNEDY, 1954).

Uma vez que a Iugoslávia e Grécia estavam conquistadas, a Alemanha prosseguiu para seu principal objetivo: invadir à URSS. Para tal, movimentou suas melhores unidades para a nova frente de batalha, deixando para ocupar os territórios recém-conquistados unidades consideradas de segunda categoria, compostas por pessoal mais velho e soldados recrutados localmente (HALL, 2014). Portanto, fica evidente a prioridade da invasão a URSS em relação à ocupação da Iugoslávia. A Alemanha avaliou que a Iugoslávia seria incapaz de reagir e que tropas de segundo escalão seriam suficientes para manter a ordem.

Convém destacar que o Eixo fez maciço uso da propaganda antes e durante a invasão. Eles aproveitaram as divergências entre os sérvios e nacionalistas croatas e divulgaram repetidamente que a Alemanha e a Itália apoiavam a independência da Croácia e as operações militares estavam sendo conduzidas apenas contra os sérvios. Como resultado, conseguiram o apoio dos nacionalistas croatas, além de outros grupos discordantes do governo (ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, 1986).

Ressalta-se que dentre os grupos iugoslavos que apoiaram a ocupação do Eixo, os croatas Ustasha realizaram com maior intensidade. O partido possuía unidades regulares, somavam cerca de 55 mil homens. Na Sérvia, várias unidades militares, sob ordens novo presidente Milan Nedic (1878–1946), apoiaram a ocupação, incluindo a Guarda Estatal da Sérvia, que desempenhou a função de força de polícia. Outra força que desempenhou papel de destaque foram os Chetniks²⁵, que inicialmente eram opositores à invasão, porém com o tempo contribuíram com o Eixo (HALL, 2014).

Cumprir evocar que o Eixo, com propósito de consolidar seu controle político na Iugoslávia, implantou governos fantoches²⁶ nos países desmembrados. Desta forma, pode

²⁵ Principal grupo de resistência sérvio, liderado por Dragoljub Draza Mihailovic (1893–1946). O nome Chetnik surgiu de uma organização nacionalista sérvia que resistiu aos turcos e lutou na PGM e desde então existia como uma força de reserva a ser convocada quando necessário (KENNEDY, 1954).

²⁶ Governos de países conquistados e controlados, durante a SGM, e onde foram designados novos líderes governamentais que eram leais ao país conquistador (KENNEDY, 1954).

manter sua autoridade e, ao mesmo tempo aliviar sua a carga administrativa nas áreas ocupadas. A polícia, as forças de segurança e o exército nacional foram organizados de forma que reduzisse o número de tropas estrangeiras necessárias para manter a ordem e proteger os novos governos (KENNEDY, 1954).

No que diz respeito à econômica, a postura adotada na ocupação pelas potências do Eixo, especialmente a Alemanha, foi um modelo de exploração. O propósito era maximizar a contribuição econômica do país para a máquina de guerra alemã ao menor custo, e seu corolário era um total desrespeito às necessidades da população doméstica e à manutenção da capacidade produtiva do país (TOMASHEVI, 2001).

A produção interna, a força de trabalho e a infraestrutura de transportes e energia passaram ao controle direto da administração alemã, que não hesitou em utilizá-los em proveito próprio. As requisições de bens e alimentos tornaram-se frequentes, assim como os trabalhos forçados. Tais fatos aumentaram a deterioração das economias dos países ocupados (VISACRO, 2009).

Dentre os principais interesses definidos por Hitler nos Bálcãs estavam: assegurar as rotas de abastecimento e comunicações nas bases aéreas alemãs na Grécia e em Creta, explorar a região produtora de cobre no nordeste da Sérvia, proteger a rota marítima aberta no Danúbio e manter dos privilégios econômicos concedidos à Alemanha pelos governos anteriores (KENNEDY, 1954).

Dado o exposto, infere-se que Hitler e seus aliados articularam a ocupação da Iugoslávia de maneira estruturada. Utilizaram da propaganda para segmentar grupos dissidentes a ponto de conseguir apoio político e militar durante a ocupação. Desmembrou o país e dividiu o controle com seus aliados, implantou chefes de governos que apoiavam o novo sistema e os manteve sob seu controle.

Chama a atenção que, em relação à economia, a Alemanha tinha o propósito único explorar as regiões ocupadas para suprir sua máquina de guerra. A demanda por matérias-primas e recursos eram crescentes, principalmente, com a abertura da Frente Oriental²⁷. Não demonstrou nenhuma preocupação em desenvolver a região e explorar de maneira sustentável.

²⁷ Foi durante a Segunda Guerra Mundial, teatro de guerra entre Alemanha nazista e potências do Eixo contra a URSS (SHEPHERD, 2012).

Dessa forma, o péssimo tratamento que as tropas do Eixo, principalmente os alemães, dispensaram aos iugoslavos, com destaque aos sérvios, provaria ser perigosamente contraproducente, levando a uma guerra de insurgência que interferiu nas pretensões da Alemanha na Iugoslávia.

Na seção seguinte trataremos do movimento de resistência da Iugoslávia e as forças que se opuseram a ocupação.

3.4 As forças de resistência na Iugoslávia

A ocupação da Iugoslávia pelo Eixo, a instauração de governos colaboracionistas, a exploração do país e o tratamento violento da população, encorajaram o surgimento e crescimento de movimentos de resistência. As ações de insurgência começaram pelo país pouco tempo após o fim das hostilidades formais. Inicialmente os grupos eram desorganizados e independentes, o que fez surgir diferentes facções lutando de forma descoordenada contra a ocupação do país (PAVLOWITCH, 2008).

Durante os primeiros meses de ocupação, a resistência contra às forças alemãs era em menor escala do que nas áreas ocupadas pelos italianos. Com a saída do grosso das tropas de combate para a Operação Barbarossa, o número de investidas aumentou. Os principais alvos eram pontes rodoviárias e ferroviárias, linhas de telefone e de telégrafo, trens de suprimentos, instalações industriais e pequenas guarnições militares (PAVLOWITCH, 2008).

Na Sérvia, o movimento Chetniks rapidamente ganhou força, principalmente após estabelecer ligação com o governo em exílio do rei Peter. Pouco tempo depois, Mihailovic foi nomeado primeiro comandante das forças de resistência na Iugoslávia e depois ministro da defesa do governo real no exílio. A estratégia do grupo era manter-se oculto para conseguir organizar uma forte força irregular que pudesse apoiar um possível desembarque de tropas dos Aliados²⁸ na Península Balcânica, porém isso não ocorreu (KENNEDY, 1954).

Na Eslovênia surgiu o grupo chamado Eslovenos Azuis, afiliados aos Chetniks, porém com menos expressão, nunca somou mais de 500 homens. Outra unidade eslovena foram os

²⁸ Coalizão de países que se opuseram às potências do Eixo durante a SGM. Os principais membros eram o Reino Unido, a União Soviética, os Estados Unidos e a China, bem como a França enquanto estava desocupada (ALLIED, In: BRITANNICA. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Allied-powers-World-War-II> Acesso em 09jul2023).

Guardas Brancos, que somavam cerca de 2.500 homens, filiados ao Partido Popular Esloveno (HALL, 2014).

Convém destacar que, durante a década de 1930, o partido Ustasha ganhou força na Croácia, promovendo um nacionalismo croata radical e anti-sérvio. Antes da invasão a Iugoslávia, o grupo já lutava contra o governo iugoslavo, valendo-se de técnicas de guerrilha e principalmente ações terroristas. Com a independência da Croácia, o movimento passou a apoiar as forças do Eixo e a lutar contra a resistência (PATTINSON, SHEPHERD, 2010).

O forte nacionalismo e sentimento anti-sérvio, nascido principalmente em resposta a discriminação sofrida pelos croatas no período entre guerras, levou os Ustashes a uma postura de limpeza étnica ao estilo nazista. Essa violência pujante desagradou à Alemanha e a Itália, ao contribuir para a insatisfação da população e consequentemente para o crescimento dos insurgentes (SHEPHERD, 2012).

Cabe ressaltar que a força irregular de maior destaque durante a resistência iugoslava foram os Partisans, termo que mais tarde se tornaria sinônimo de guerrilheiro. Sob a liderança de Josip Broz Tito (1892–1980), nascido na Croácia e secretário-geral do Partido Comunista da Iugoslávia²⁹, o movimento Partisan iniciou em Belgrado imediatamente após a rendição aos alemães. Em agosto de 1941, Tito mudou seu quartel-general para o campo e assumiu o comando das crescentes forças guerrilheiras (KENNEDY, 1954).

Merece menção que inicialmente a Iugoslávia contava com duas grandes forças de resistência: os Partisans e os Chetniks. Embora com propósitos aparentemente semelhantes, a postura comunista e antimonarquista dos Partisans e a perspectiva anticomunista dos Chetniks levou a um conflito fratricida entre os dois grupos. Os alemães transformaram esse desentendimento em vantagem própria apoiando os Chetniks contra os guerrilheiros de Tito (KENNEDY, 1954).

Alerta-se que a razão mais importante para a divisão Chetnik/Partisan foi que os objetivos dos dois movimentos eram fundamentalmente conflitantes. As intenções dos Chetniks eram muito além da agenda do governo no exílio; eles buscavam não apenas restaurar o antigo sistema monárquico, mas também estender o poder sérvio dentro da Iugoslávia. Os Partisans, ao contrário, buscavam uma revolução contra a velha ordem e a

²⁹ Partido político, criado em 1919, de ideologia comunista-marxista e de oposição ao governo iugoslavo (KENNEDY, 1954).

fundação de um novo estado baseado nos princípios do comunismo e do Ilirismo (PATTINSON, SHEPHERD, 2010).

Pelo final de 1941, os dois grupos travaram uma guerra civil que duraria até o final da SGM. Resultando que, em março de 1946, o general Mihailovic foi capturado pelas forças de Tito e condenado à morte por colaborar com o Eixo. Sua execução foi em 17 de junho de 1946 (LEARY, 1995).

No que tange à organização, enquanto os Chetniks eram constituídos, principalmente, de unidades locais a serem convocadas quando necessário. Os Partisans tinham inúmeras unidades móveis e ativas, com capacidade de se mover pelo país sem permanecerem fixas a nenhuma localidade específica. Como consequência, os Partisans não hesitavam tanto quanto os Chetniks em se envolver em operações contra as forças de ocupação (KENNEDY, 1954).

Chama a atenção que as forças de resistência tinham que superar suas limitações de pessoal, armamentos e munição, desta forma, empregavam ações de guerrilha para se opor as forças de ocupação. Os ataques eram cuidadosamente planejados, aproveitando ao máximo qualquer fraqueza ou descuido dos oponentes. As táticas mais comumente utilizadas eram a emboscada, a sabotagem, emprego de minas, demolições noturnas e até mesmo atirar em soldados solitários ou pequenos grupos (PAVLOWITCH, 2008).

Os grupos guerrilheiros da Iugoslávia tiveram ajuda externa dos Aliados durante suas campanhas de resistência. Os britânicos reconheciam o governo iugoslavo em exílio e, inicialmente, enviaram ajuda aos Chetniks, através do *Special Operations Executive (SOE)*³⁰, responsável pelos apoios as resistências em toda a Europa, em 1943 reconheceu os Partisans como força resistência da Iugoslávia passou a apoiar o movimento com suprimentos (LEARY, 1995).

A ajuda militar fornecida pelos Aliados incluiu armas, munições, equipamentos de comunicação e suprimentos. Aviões aliados, principalmente britânicos, realizaram missões de lançamento de suprimentos e de evacuação de combatentes feridos, muitas vezes em áreas remotas da Iugoslávia. Além disso, os Aliados enviaram instrutores militares para treinar os Partisans iugoslavos em táticas de guerrilha, operações de sabotagem e organização militar (LEARY, 1995).

³⁰ Organização britânica criada, durante o período da Segunda Guerra Mundial, pelo primeiro-ministro Winston Churchill para encorajar e facilitar a espionagem e a sabotagem atrás das linhas inimigas (VISACRO, 2009).

Após a rendição da Itália para os Aliados, em setembro de 1943, os Partisans retomaram boa parte do território ocupado e incorporaram o material militar deixado pelos italianos. O controle de parte da Costa do Adriático permitiu que os guerrilheiros de Tito recebessem ajuda dos EUA através do *Office of Strategic Services (OSS)*³¹. Foram recebidas mais de seis mil toneladas de suprimentos, além da extração de mais milhares de doentes e feridos (LEARY, 1995).

Chama a atenção que as práticas empregadas pelos guerrilheiros de Tito apresentavam diversas semelhanças com a estratégia de guerra revolucionária de Mao Tsé Tung. Tito representava o comandante militar e líder político, tornando a luta política e militar indissociável. Recusava a enfrentar abertamente o inimigo mais forte, negando batalhas decisivas. Recusava a defender o terreno, tornando-se fluido e sempre em movimento pelo país. Respeitava a população civil e buscava seu apoio (VISACRO, 2009).

Além disso, manteve contínua expansão dos seus guerrilheiros, até transformá-los em um poderoso exército regular. Inicialmente o Partido Comunista contava com cerca de 12 mil Partisans divididos em companhias de 50 combatentes. No final de 1941 eram cerca de 80 mil voluntários, quando a guerra terminou Tito comandava mais de 800 mil homens. Ao final da guerra, Tito tornou-se presidente da Iugoslávia, transformou os Partisans no exército da Iugoslávia e implantou o sistema comunista no país (VISACRO, 2009).

Em derradeiro, podemos concluir que a invasão e a ocupação da Iugoslávia pelo Eixo foram fatos que encorajaram os movimentos insurgentes. Esses grupos possuíam uma causa sólida, a expulsão dos invasores, que teve aderência pela população. As divergências políticas e a falta de uma liderança única ficam expostas quando diferentes grupos iniciam suas próprias resistências. Fato que contribuiu, inclusive, para grupos lutarem entre si, como foi o caso dos Partisans e dos Chetniks.

Frise-se que os principais movimentos de resistência já existiam antes da invasão, organizados como partidos políticos. Com o início dos embates as estruturas dos insurgentes eram bem insipientes e desproporcionais as forças do Eixo, por isso utilizavam as táticas de guerrilha para se opor aos invasores. O apoio da população foi primordial para o recrutamento e aumento dos guerrilheiros. Outro fator fundamental para suprir as necessidades iniciais, particularmente quanto ao material e armamento, foram os apoios externos do RU e dos EUA.

³¹ Serviço de inteligência dos EUA durante a SGM (VISACRO, 2009)

Apresentaremos a seguir os movimentos finais da ocupação da Iugoslávia.

3.5 Movimentos finais do conflito

Em 29 de dezembro de 1941, Mussolini escreveu uma carta a Hitler demonstrando sua preocupação com o crescimento dos movimentos guerrilheiros:

Antes da próxima primavera, todos os núcleos de insurreição devem ser eliminados ou corremos o risco de travar uma guerra subsidiária nos Bálcãs. O primeiro território a ser pacificado é a Bósnia, depois a Sérvia e Montenegro. As operações militares devem ser conduzidas com muita determinação e devem levar a um real e completo desarmamento da população, sendo esta a única garantia para evitar surpresas no futuro. Para tanto, nossas forças militares devem cooperar de acordo com um plano comum para evitar a duplicação de esforços e alcançar o resultado desejado com um mínimo de mão de obra e material³² (MUSSOLINI *apud* ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, 1986, p. 69, tradução nossa).

Hitler reagiu de forma enérgica à resistência, primeiramente ele rotulou todas as revoltas em territórios ocupados como terroristas, em seguida ordenou a execução de 50 a 100 reféns para cada alemão morto pelo movimento. Na Sérvia, essa postura levou ao massacre de 2300 homens e meninos em Kragujevac, em outubro 1941 (LEARY, 1995).

Apesar de contar com superioridade numérica, bélica e tecnológica, os alemães enfrentaram grandes dificuldades em sua luta para derrotar os movimentos insurgentes. A falta de preparo de suas tropas e de seus aliados, refletida na carência de doutrina contrainsurgente consolidada, contribuiu o fracasso em eliminar a ameaça. Em razão disso, os alemães adotaram, na tentativa de conter os insurgentes, o uso da violência máxima com ações que geraram destruições e mortes em massa. Ainda que, supostamente, só atingissem os guerrilheiros e seus colaboradores, claramente inúmeros civis sofreram consequências dessas condutas (SHEPHERD, 2012).

A Itália e Bulgária também adotaram represálias contra as atividades de guerrilha e muitas das vezes atingiam inocentes. Destaco que, em nenhum lugar, a violência foi tão exacerbada quanto na Croácia, campanhas cruéis e violentas eram desencadeadas contra civis

³² Do original "Before next spring every nucleus of insurrection must be wiped out or else, we run the risk of having to fight a subsidiary war in the Balkans. The first territory to be pacified is Bosnia, then Serbia and Montenegro. The military operations must be conducted with great determination and must lead to a real and complete disarmament of the population, this being the sole guarantee I for avoiding surprise in the future. For this purpose, our military forces must cooperate according to a common plan to prevent duplication of effort and achieve the desired result with a minimum of manpower and materiel."

judeus, ciganos e principalmente sérvios. Por conseguinte, essa maneira violenta de lidar com os movimentos contribuiu para o aumento do sentimento de revolta e revanchismo da população, resultou no crescimento de colaboracionistas das forças insurgentes (KENNEDY, 1954).

É inegável que a *Wehrmacht*³³ falhou em destruir os Partisans antes que o movimento atingisse seu nível máximo. Neste contexto, um dos principais fatores que comprometeu as capacidades da força alemã foram os grandes reposicionamentos de soldados para atender as crescentes demandas da Frente Oriental e na Europa ocupada. Essa perda comprometeu o emprego de efetivos suficientes para ocupar e pacificar a Iugoslávia duradouramente. (SHEPHERD, 2012).

Ainda nesse contexto, a escassez de mão-de-obra alemã foi um fator que refletiu na deterioração de medidas de segurança exigidas para uma ocupação efetiva. Tal fato é exemplificado pela abundância de civis iugoslavos contratados para trabalhar em áreas sensíveis e instalações militares. Esses civis tinham contato com instalações de armazenamento de itens críticos como combustível e munição; conheciam as rotinas de segurança e acessavam bases militares onde podiam observar os movimentos das tropas (KENNEDY, 1954).

No que diz respeito à ofensiva contra os guerrilheiros, diversas operações militares foram desencadeadas visando derrotar decisivamente as forças Partisans, porém todas falharam. Os alemães, reforçados no solo e no ar, ainda conseguiram desferir violentos golpes nos guerrilheiros, porém sem eliminar totalmente o inimigo. Em maio de 1943, os alemães chegaram perto de destruir a principal força guerrilheira de Tito, que se retirou para a região de montanhas ao norte da Sérvia. Registra-se que as operações militares mantinham a conduta convencional e conferiam elevados níveis de violência contra a população (SHEPHERD, 2012).

Salienta-se que, após 1943, dado o incremento das capacidades, os guerrilheiros de Tito passaram a lutar como uma força convencional. Mesmo com essa postura, as forças alemãs falharam em derrotá-los decisivamente. O fato de os guerrilheiros se assemelharem

³³ Forças armadas do Terceiro Reich. Os três principais ramos da Wehrmacht eram o Heer (exército), a Luftwaffe (força aérea) e a Kriegsmarine (marinha) (WEHRMACHT. In: BRITANNICA. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Wehrmacht>> Acesso em 09jul23).

cada vez mais a um exército regular em forma, tamanho e organização certamente refletia em sua capacidade de se contrapor aos invasores (SHEPHERD, 2012).

Merece menção que unidades alemãs da *Waffen SS*³⁴, operavam sem o controle e coordenação da *Wehrmacht*, por vezes na mesma região e só cooperavam em operações contraguerrilha, quando convinha ao seu comandante ou ao comando superior. Dessa forma, houve considerável interferência mútua nas ações e esforço desperdiçado no campo operacional e, particularmente, no campo da inteligência clandestina, com a *Wehrmacht* e *Waffen SS* cumprindo missões semelhantes e independentes para seus respectivos comandos (KENNEDY, 1954).

É proveitoso observar que, com aumento da ajuda dos Aliados, o crescente número de voluntários para lutar pela resistência e os desgastes sofridos pelas forças do Eixo, os Partisans puderam expandir e consolidar territórios, repelir as ofensivas, cada vez mais desesperadas dos alemães e, finalmente, tomar a ofensiva. No início do verão de 1944, recomeçaram seu avanço pela Sérvia, unindo-se ao Exército Vermelho³⁵ que agora avançava nos Bálcãs, após repelir a ofensiva alemã no leste. Este foi mais um golpe em uma sequência que acabaria por culminar na perda de toda a Iugoslávia para os guerrilheiros de Tito e o Exército Vermelho (SHEPHERD, 2012).

Em 20 de outubro de 1944, Belgrado caiu para os soviéticos e o Primeiro Corpo de Exército Partisan, logo em seguida os alemães iniciaram a retirada das tropas do país. Milhares de Chetniks, forças auxiliares sérvias, soldados croatas e indivíduos que apoiaram o Eixo durante a ocupação, garantidamente juntaram-se às colunas em retirada (KENNEDY, 1954).

O movimento de insurgência pode ser considerado no fim a essa altura. As forças de resistência, com a ajuda dos Aliados e favorecida pelo agravamento da situação estratégica alemã, finalmente conseguiram emergir como uma força organizada e contribuir decisivamente para a libertação da Iugoslávia. Com a vitória, Tito se tornou Chefe de Estado de fato e implantou a ideologia comunista-marxista no país (KENNEDY, 1954).

³⁴ Ramo militar da organização *Schutzstaffel* (organização paramilitar ligada ao Partido Nazista) considerada unidade de elite alemã, durante a SGM (WAFFEN. In: ENCYCLOPEDIA. Disponível em < <https://www.encyclopedia.com/humanities/dictionaries-thesauruses-pictures-and-press-releases/waffen-ss>> Acesso em 09jul23).

³⁵ Exército da URSS (RED ARMY. In: ENCYCLOPEDIA. Disponível em: < <https://www.encyclopedia.com/environment/encyclopedias-almanacs-transcripts-and-maps/red-army>> Acesso em 09jul23).

Em suma, as forças do Eixo, aparentemente, demoraram a identificar as forças guerrilheiras como uma ameaça concreta à ocupação do país. Essa demora permitiu aos movimentos, principalmente os Partisans, se estruturarem. A adoção de uma postura de violência exagerada, principalmente contra civis, mostrou-se, ferramenta contraproducente e incentivadora da insurgência.

Podemos extrair do estudo que o Eixo visou eliminar os guerrilheiros com operações militares convencionais, sem explorar as características inimigas e sem se adaptar as circunstâncias, mesmo com um poderio maior não conseguiu derrotar os guerrilheiros decisivamente.

Por fim, teceremos as conclusões parciais extraídas do presente capítulo.

3.6 Conclusões parciais

Em virtude dos fatos mencionados podemos inferir que a ocupação da Iugoslávia pelo Eixo apresentou questões claras que culminaram no insucesso da campanha. Apesar de ter uma rápida e contundente vitória nos momentos iniciais, o *Fuhrer* permitiu que os movimentos de insurgência crescessem e tivessem expressividade na luta de resistência. O Eixo tratou a ocupação simplesmente como uma questão militar, dando pouca atenção às temáticas políticas demandadas. Apesar de dispor de governantes sob seu controle, pouco se fez para organizar lideranças locais que contribuíssem para a ocupação.

Por outro lado, os movimentos de resistência aumentaram e souberam explorar de maneira eficiente as falhas do Eixo. Os Partisans, com apoio da população e apoio externo, passaram de um pequeno grupo para uma força de tamanho de um exército. Tito, visando expulsar os invasores, que era claramente sua causa, conseguiu apoiadores em todos os lugares do país e atingiu seu objetivo.

No próximo capítulo analisaremos os principais pontos de aderência da teoria de David Galula com as ações do Eixo na Iugoslávia durante a SGM.

4 CONFRONTO ENTRE A TEORIA E O OBJETO

No presente capítulo apresentaremos uma comparação, com análises e conclusões deste autor, entre a teoria de contrainsurgência de David Galula, descrito no capítulo dois, e o caso concreto transcorrido durante a invasão e ocupação das forças do Eixo na Iugoslávia por ocasião da SGM, apresentado no capítulo três, a fim de verificar se houve aderência da teoria com a realidade.

Insta esclarecer que o modelo teórico do coronel francês foi desenvolvido a partir de estudos e análises de casos de subversões comunistas e anticoloniais em que grupos internos contrários à governança estruturaram um partido político e, por meio de ações de guerra irregular, almejavam tomar o poder pela força. No que tange ao objeto do nosso estudo, a guerra irregular ocorrida na Iugoslávia durante a ocupação do Eixo tem, na gênese do conflito, uma diferença essencial do modelo teórico. Trata-se de uma guerra de resistência contra ocupação estrangeira enquadrada de uma guerra a nível mundial. Entender esse aspecto é relevante para assimilarmos as aderências entre teoria e realidade que buscamos no presente trabalho.

Desta forma o capítulo será dividido da seguinte forma, será primeiramente apresentado as comparações sobre as características e pré-requisitos dos movimentos insurgentes, em seguida analisaremos o modelo de desenvolvimento do grupo Partisan. No terceiro item serão apreciadas as ações de contrainsurgência durante o conflito e ao final teceremos as conclusões parciais do capítulo.

4.1 Características e pré-requisitos da insurgência

O objeto de estudo, apesar de estar no contexto de um conflito internacional, do ponto de vista dos iugoslavos se tratava de um conflito interno, onde os grupos de resistência desafiavam o poder local, instituído pelo Eixo, objetivando a tomada do poder e expulsão dos invasores, empregando técnicas de guerrilha e recebendo apoio externo. Diante disso podemos depreender que o conflito se encaixa na definição de guerra revolucionária de Galula, utilizando a insurgência como forma de tomar o poder.

A robustez das forças da Alemanha e de seus aliados ficou clara na rapidez e eficiência com que derrotaram as forças regulares da Iugoslávia e controlaram o país. Dispunham de

meios aéreos, blindados, de artilharia e uma pujante infantaria. Inicialmente, as forças de resistência eram grupos independentes, com destaque aos Chetniks e aos Partisans que lutavam de forma isolada, com pequenos efetivos e poucos meios, dependendo extremamente do apoio da população, das táticas de guerrilha e da ajuda externa. Dessa forma, a característica da assimetria entre as forças, estudada na teoria, ficou clara no objeto estudado.

Na guerra revolucionária a população passa a ser o objetivo principal tanto para o insurgente quanto para o contrainsurgente e o lado que o apoio popular pender terá maiores chances de sucesso. No conflito estudado a resistência buscou apoio da população principalmente através da causa. Tal apoio ficou claro ao final da guerra, quando o número de membros dos Partisans chegou a cerca de 800 mil. Quanto ao Eixo, a forma violenta de tratamento aos civis, a exploração econômica do país e a desassociação das operações militares e das políticas indicam que o objetivo não era conseguir apoio da população.

Conforme apresentado, outra característica presente na guerra irregular é o uso da propaganda. A Alemanha utilizou a propaganda e ações psicológicas para minar a imagem dos guerrilheiros. Os grupos de resistência foram caracterizados como terroristas e desestabilizadores. Os invasores aproveitaram as divergências étnicas e culturais para dividir a resistência e fazer com que lutassem entre si. Dessa forma, conseguiu o apoio dos Ustashas, disseminando uma narrativa de que a guerra era somente contra a Sérvia e prometendo uma Croácia independente e conseguiu o apoio dos Chetniks indicando que os Partisans eram um inimigo em comum.

Um dos pré-requisitos para uma insurgência obter sucesso e conseguir apoio da população é possuir uma causa atraente pela qual lutar. A causa apresentada pelos Partisans era a libertação do país da ocupação estrangeira e a instauração uma ideologia comunista. A causa em si era uma questão de sobrevivência do país e da população, com isso atraiu grande número de simpatizantes e apoiadores.

Além disso, outro pré-requisito fundamental para o sucesso do movimento é a existência de fraquezas do contrainsurgente e a baixa aceitação nacional do governo é uma delas. Estudamos no capítulo três que após a ocupação, a Alemanha dividiu a Iugoslávia entre seus aliados e implantou governos fantoches para manter o controle, ou seja, representavam os invasores. Podemos inferir que esse fato contribuiu para a insatisfação da população que não respaldava as atitudes do novo governo colaboracionista.

Ainda nesse contexto, mais uma fraqueza é o desconhecimento dos líderes de como combater uma insurgência. As forças do Eixo tardaram a identificar os guerrilheiros como um inimigo factual e não demonstraram estratégias ou táticas específicas para se contrapor a tal desafio. Manteve-se a preponderância das operações convencionais visando eliminar o inimigo. Não foram identificadas nos estudos ações de controle da população executadas pelas forças de segurança locais e as forças armadas.

Tais fraquezas foram explorados pela resistência iugoslava. A baixa aceitação dos governos fantoches contribuiu para os insurgentes ampliarem o apoio da população ao movimento. A rigidez das forças invasoras em empregar táticas de guerra convencional contra um inimigo irregular e o baixo grau de preparo permitiu que os insurgentes fossem eficientes em superar a assimetria de força existente e infligissem sérios danos nas forças do Eixo.

No que diz respeito ao apoio externo, ficou exposto que os Partisans tiveram ajudas do RU, através do SOE, e dos EUA, através do OSS, com apoio de armamentos, suprimentos e treinamento durante a guerra. Por volta de 1943, a URSS prestou apoio com força militar, principalmente com a chegada no Exército Vermelho na luta. Desta forma, os Partisans tiveram o apoio externo conforme o pré-requisito teórico.

Por tais razões, podemos inferir que o conflito na Iugoslávia se enquadra na definição de guerra revolucionária de Galula, apresentando características claras como assimetria de forças, emprego de ações de guerrilha, utilização da propaganda e foco na população. Foram identificados no objeto de estudo os pré-requisitos do modelo teórico: causa, existência de fraquezas do contrainsurgente e apoio externo, e respectivas ações de exploração por parte da insurgência.

No item a seguir desenvolveremos sobre o padrão estratégico da insurgência segundo o modelo teórico em comparação ao que foi o desenvolvido pelos Partisans.

4.2 Desenvolvimento dos Partisans à luz o modelo teórico

No que diz respeito aos padrões estratégicos da insurgência, o padrão ortodoxo, estudado no capítulo dois, apresenta uma sequência de desenvolvimento e possui vulnerabilidades. A seguir estudaremos os passos identificados e os pontos de aderência com a guerra em estudo.

O primeiro passo do padrão ortodoxo é a criação de um partido político, que servirá de base para uma posterior transformação política no país. Josip Tito, líder dos Partisans, também era secretário-geral do Partido Comunista da Iugoslávia. Tito foi o responsável por, após vencer a guerra, implantar a transformação política e instaurar o regime comunista-marxista no país.

Conforme a teoria, o passo seguinte é a consolidação do partido em uma frente única. No primeiro momento da resistência não havia uma frente única, os Chetniks lutavam em alinhamento com o governo monarquista em exílio, enquanto os Partisans comunistas de Tito resistiam de forma independente. Na Croácia e Eslovênia, grupos menores também lutavam de maneira autônoma. Os Partisans não conseguiram unir os opositores em uma frente única. Porém, com o passar do conflito, sua causa ganhou força e com o apoio da população conseguiu se consolidar como principal movimento de resistência da Iugoslávia.

No modelo apresentado, o próximo passo é a guerra de guerrilha. Na Iugoslávia, a guerra de resistência iniciou-se logo após a derrota das forças regulares do país. Com um efetivo relativamente pequeno e capacidades limitadas, no início das ações os Partisans empreenderam principalmente em ações de guerrilha como: sabotagens, emboscadas e ataques a pequenos grupos, com vistas a superar a assimetria de forças e desestabilizar as forças invasoras.

O quarto passo que estudamos é o movimento de guerra, quando as forças insurgentes conseguem aumentar seu efetivo e suas capacidades a ponto de estruturar uma força equivalente a uma força regular e enfrentar o inimigo de forma direta. A estrutura inicial dos guerrilheiros do Partido Comunista Iugoslavo era cerca de 12 mil homens, estruturados em pequenos grupos guerrilheiros. Quando a guerra terminou, Tito comandava cerca de 800 mil homens, estruturados, bem armamentos e com meios de exército regular.

Finalmente, o último passo apresentado foi a campanha de aniquilação. No início do verão de 1944, os Partisans iniciaram grande ofensiva contra as tropas alemães, potencializados pela chegada do Exército Vermelho aos Bálcãs. Obtiveram como resultando a expulsão das forças do Eixo da Iugoslávia.

No que diz respeito às vulnerabilidades do padrão ortodoxo, identificamos dois principais momentos em que o movimento insurgente fica exposto às ações decisivas do contrainsurgente. O primeiro momento é relacionado ao passo um e dois do padrão, quando a criação do partido político e a organização de uma frente única continuam insipientes. Na

Iugoslávia, o Partido Comunista teve sua criação pretérita ao início do conflito. Quando foram instaurados os governos apoiadores do Eixo, o partido já contava com uma base consolidada, permitindo poucas ações políticas e administrativas dos invasores contra os integrantes do movimento.

Ainda nesse contexto, um segundo momento de vulnerabilidade é quando se inicia a luta armada e o poder militar do guerrilheiro é insipiente ou praticamente nulo. No evento histórico estudado, as forças do Eixo tardam em identificar as forças guerrilheiras como ameaça à ocupação e, por consequência, demoram a tomar ações específicas para neutralizá-las. Isso permitiu que os insurgentes tivessem tempo para se estruturar, quando os contrainsurgentes passaram a se contrapor efetivamente, as forças de resistência tinham alcançado um apoio popular maciço e uma capacidade militar contundente.

Face ao exposto, podemos concluir que dentro da estratégia de insurgência descrita na teoria do coronel David Galula, o padrão ortodoxo foi reconhecido nas ações de resistência dos Partisans. Os respectivos passos foram identificados com aderência entre os pontos teóricos e os fatos ocorridos durante o conflito. Porém, ressalto que, as vulnerabilidades do padrão ortodoxo não foram exploradas adequadamente pelas forças do Eixo.

No item seguinte seguiremos com a análise sobre as ações contrainsurgentes das forças do Eixo.

4.3 Ações da contrainsurgência durante o conflito

Na presente seção iremos buscar correlações entre as atividades de contrainsurgência sugeridas por Galula com as ações desenvolvidas pelas forças do Eixo durante a ocupação da Iugoslávia.

No capítulo dois observamos que uma das formas de atuar contra a insurgência é adotar ações diretas, que incidam diretamente sobre o líder, utilizando meios legais ou políticos, restringindo sua capacidade de influenciar nos seus apoiadores e na população. Na contenda estudada, não foram identificadas ações diretas sobre a liderança dos Partisans. Porém, quanto a liderança Chetnik, destaco a aproximação de Hitler com Mihailovic buscando apoio contra as forças de Tito. Explorando as divergências entre as ideologias dos movimentos, a Alemanha conseguiu que, em alguns momentos, os Chetniks lutassem em favor do Eixo.

A respeito das ações indiretas, que se resume em agir sobre a causa do insurgente, minando seu crédito perante a população. O Eixo não conseguiu privar a resistência de uma boa causa, tampouco constatamos no estudo uma contra causa efetiva, visto que a invasão e a ocupação geravam o principal argumento, a libertação da Iugoslávia com a expulsão dos invasores.

A postura violenta com que tratava a população, levando a milhares de civis mortos, a conduta de limpeza étnica executadas pelos Ustashes, a exploração econômica do país para alimentar a máquina de guerra com requisição da produção de matérias-primas, alimentos e confisco de bens e propriedades indicam que o Eixo não estava preocupado com o apoio da população. Tal indício vai de encontro à teoria que identifica a população como principal objetivo tanto do insurgente quanto do contrainsurgente.

Extraí-se do estudo que os atos políticos estavam desvinculados das ações militares. A liderança política era resultado de governos fantoches implantados pelo Eixo e não tinham controle sobre as ações militares. Sendo assim, confirma o entendimento que as ações contrainsurgentes eram focadas puramente em operações militares que almejavam a eliminação das forças guerrilheiras, não efetuavam atividades políticas que poderiam incrementar o apoio da população. Tal fato vai de encontro à característica teórica da primazia das ações políticas sobre as operações militares.

No item seguinte abordaremos as conclusões parciais.

4.4 Conclusões parciais

Pelo exposto, este autor entende que o conflito entre as forças do Eixo e a resistência iugoslava adequa-se ao modelo teórico de Galula no que diz respeito às características da guerra irregular. Identificamos a presença da assimetria de forças entre os oponentes, o foco na obtenção do apoio popular por parte dos Partisans e a utilização da propaganda. Os pré-requisitos para uma insurgência eficaz, uma causa, presença de fraquezas e o apoio externo, foram constatados e explorados.

Foi percebido o modelo ortodoxo no desenvolvimento do grupo Partisan. Passando por todos os pontos teóricos, desde a criação do partido político, sua consolidação na frente única, a luta armada até culminar no movimento de guerra para aniquilação do inimigo.

Finalmente, dentre as ações realizadas pelas forças do Eixo, de maneira geral, não tiveram aderências com as sugeridas pelo modelo teórico. Não foram desenvolvidas ações diretas e indiretas contra o movimento Partisan, tampouco foram identificadas atitudes que indicavam a busca do apoio popular como objetivo. As operações militares eram desconectadas das ações políticas, com preponderâncias das primeiras. As operações contrainsurgente desenvolvidas pelo Eixo confirmavam a característica puramente convencional das ações contra os guerrilheiros.

Seguiremos para o último capítulo onde teceremos considerações finais sobre o trabalho apresentado

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho se deparou com o desafio de analisar as peculiaridades da guerra irregular, com suporte da teoria consagrada do coronel David Galula, particularmente no que diz respeito às características da insurgência e da contrainsurgência, para buscar a possível aderência com o objeto, o conflito da SGM na Iugoslávia (1941-1945).

Para tal, a presente pesquisa foi desenvolvida em três capítulos de desenvolvimento. Um capítulo destinou-se ao estudo de importantes conceitos teóricos sobre a guerra irregular, particularmente as ações da insurgência e da contrainsurgência. No capítulo seguinte, analisamos o desenvolvimento da invasão e ocupação das forças do Eixo na Iugoslávia (1941-1945) e os embates contra as forças de resistência do país, e finalmente, dedicamos um capítulo para confrontar o objeto de nossa pesquisa com o modelo teórico selecionado.

No que tange ao modelo teórico de contrainsurgência de David Galula, apresentado no capítulo dois deste trabalho, descrevemos as principais definições de guerra irregular, comparando as ideias de Galula com outros autores e identificamos as características da guerra irregular, em particular a assimetria entre as forças, uso da propaganda e o foco na população. Detalhamos o modelo ortodoxo de desenvolvimento de um movimento insurgente e as ações contrainsurgentes sugeridas pelo autor.

No capítulo três, nos debruçamos sobre o conflito na Iugoslávia enquadrado dentro da SGM. Apresentamos um breve histórico sobre o país desde sua formação até os momentos que precederam a guerra, analisamos o desenvolvimento da invasão das forças do Eixo e a ocupação do território, identificamos as forças de resistência iugoslavas, suas estruturas e os movimentos finais do conflito.

No capítulo quatro, realizamos o confronto entre a teoria e a realidade do objeto e identificamos os pontos de aderência e os de distanciamento. Nesse sentido, ressalto que a teoria desenvolvida pelo coronel francês foi concebida em um momento futuro aos acontecimentos da SGM, dessa forma seria irrealista esperar que tais conceitos fossem seguidos por Hitler e seus aliados.

Dessa maneira, buscamos responder o seguinte questionamento: as ações desenvolvidas pelas forças do Eixo na luta contra os grupos de resistência, em especial os Partisans, durante a invasão e ocupação da Iugoslávia (1941-1945), têm aderência ao modelo teórico de contrainsurgência do coronel do exército francês David Galula?

Concluindo a presente pesquisa pudemos identificar que as características apresentadas no conflito tiveram correspondência ao modelo teórico, principalmente no que tange a assimetria entre forças, apoio da população como fator de força e a utilização de táticas de guerrilha. Ainda nesse contexto, os movimentos de resistência, em particular dos Partisans seguiram os passos descritos por Galula, principalmente no desenvolvimento do padrão ortodoxo em que se desprende desde a criação e estruturação de um partido político, passando pela guerra de guerrilha até incrementar suas capacidades para atingir o nível de um exército regular e combater com equivalência os invasores.

No que diz respeito às ações das forças do Eixo, ficou evidenciado o caráter convencional das operações militares, que buscavam eliminar os insurgentes empregando táticas de exército de campo. Não foi identificado a preocupação em buscar o apoio da população. Fatores como o excesso de violência, principalmente contra civis, a exploração econômica com extração de matérias-primas e excedentes de alimentos, o confisco de bens e propriedades, indicam que as atenções estavam voltadas para alimentar a máquina de guerra.

Não foram constatadas ações de controle da população visando segregá-la dos insurgentes. As operações militares não estavam ligadas com ações políticas como previa a teoria de Galula. Os comandantes militares eram diferentes dos líderes políticos.

Fruto das análises realizadas neste trabalho, este autor entende que não houve aderência das ações das forças do Eixo empreendidas contra a resistência iugoslava com a teoria de contrainsurgência de Galula.

O presente trabalho não se dedicou em se aprofundar nas batalhas ocorridas no conflito, dessa forma, uma análise pormenorizada das táticas utilizadas e consequências podem ser desenvolvidas em futuras pesquisas sobre o assunto. Dado a relevância que a guerra irregular ganhou no âmbito dos conflitos modernos, o presente estudo se torna relevante para a Marinha do Brasil manter o continuado aperfeiçoamento da sua doutrina de guerra irregular. É desejável o tema continue sendo abordado em rotinas de adestramento e exercícios visando manter o preparo no mais alto nível contra possíveis ameaças irregulares nacionais ou internacionais.

REFERÊNCIAS

- BATTISTELLI, Pier Paolo. *Balkans 1940–41: The Hitler's Blitzkrieg against Yugoslavia and Greece*. Oxford: Bloomsbury Publishing, 2021. 97 p.
- BEEVOR, Antony. *A Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Record, f. 476, 2015. 951p.
- BRASIL, Ministério da Defesa. *Glossário das Forças Armadas MD35-G-01*. Brasília, 2015.
- BRASIL. Marinha do Brasil. Comando-Geral do Corpo de Fuzileiros Navais. *Manual de Operações Contra Forças Irregulares dos Grupamentos Operativos de Fuzileiros Navais CGCFN-31.2*. Rio de Janeiro. 2008.
- ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. Center of Military History. *The German Campaign in the Balkans (Spring 1941)*. Washington, D.C. 1986. 161 p.
- GALULA, David. *Pacification in Algeria: 1956-1958*. Santa Monica. Rand, 1963. 326 p.
- GALULA, David. *Counterinsurgency: Warfare Theory and Practice*. Nova Iorque: Frederick Praeger, 1964. 143 p.
- GHALI, Driss. *David Galula et la Théorie de la Contre-Insurrection*. Paris: Éditions Complicités, 2019. 319 p.
- GILBERT, Martin. *A Segunda Guerra Mundial: Os 2.174 dias que mudaram o mundo*. Leya, v. 2, 2014. 1381 p.
- HALL, Richard C. *War in the Balkans: an encyclopedic history from the fall of the Ottoman Empire to the breakup of Yugoslavia*. California: ABC-CLIO, 2014. 436 p.
- HOARE, Marko A. *The Bosnian Muslims in The Second World War: A History*. Nova Iorque. Oxford, 2013. 513 p.
- KENNEDY, Robert M. *German Antiguerrilla Operations in the Balkans: 1941-1944*. Washington DC: Department of Army, 1954. 78 p.
- KILCULLEN, David. *Counterinsurgency*. Nova Iorque: Oxford, 2010. 264 p.
- LEARY, William M. *Fueling the Fires of Resistance: Army Air Forces Special Operations in the Balkans During World War II*. Air Force History and Museums Program, 1995. 46 p.
- MARLOWE, Ann. *David Galula: His Life and Intellectual Context*. 2010 73f. Monografia - Strategic Studies Institute, U.S. Army War College, Carlisle. 2010.
- PATTINSON, Juliett. SHEPHERD, Ben. *War in a Twilight World: Partisan and Anti-Partisan Warfare in Eastern Europe, 1939–45*. Hampshire: Palgrave Macmillan, 2010. 279 p.

PAVLOWITCH, Stevan K. *Hitler's New Disorder: The Second World War in Yugoslavia*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2008. 366 p.

SHEPHERD, Ben. *Terror in the Balkans: German Armies and Partisan Warfare*. Cambridge: Harvard University Press, 2012. 351 p.

TOMASEVICH, Jozo. *War and revolution in Yugoslavia, 1941-1945: Occupation and collaboration*. California: Stanford University Press, 2001. 842 p.

VISACRO, Alessandro. *Guerra irregular: terrorismo, guerrilha e movimentos de resistência ao longo da história*. São Paulo: Contexto, 2009. 380 p.

ANEXO A



FIGURA 1: Mapa da Iugoslávia em 1941 antes da invasão do Eixo.

FONTE: PAVLOWITCH, 2008, p. 11.

ANEXO B

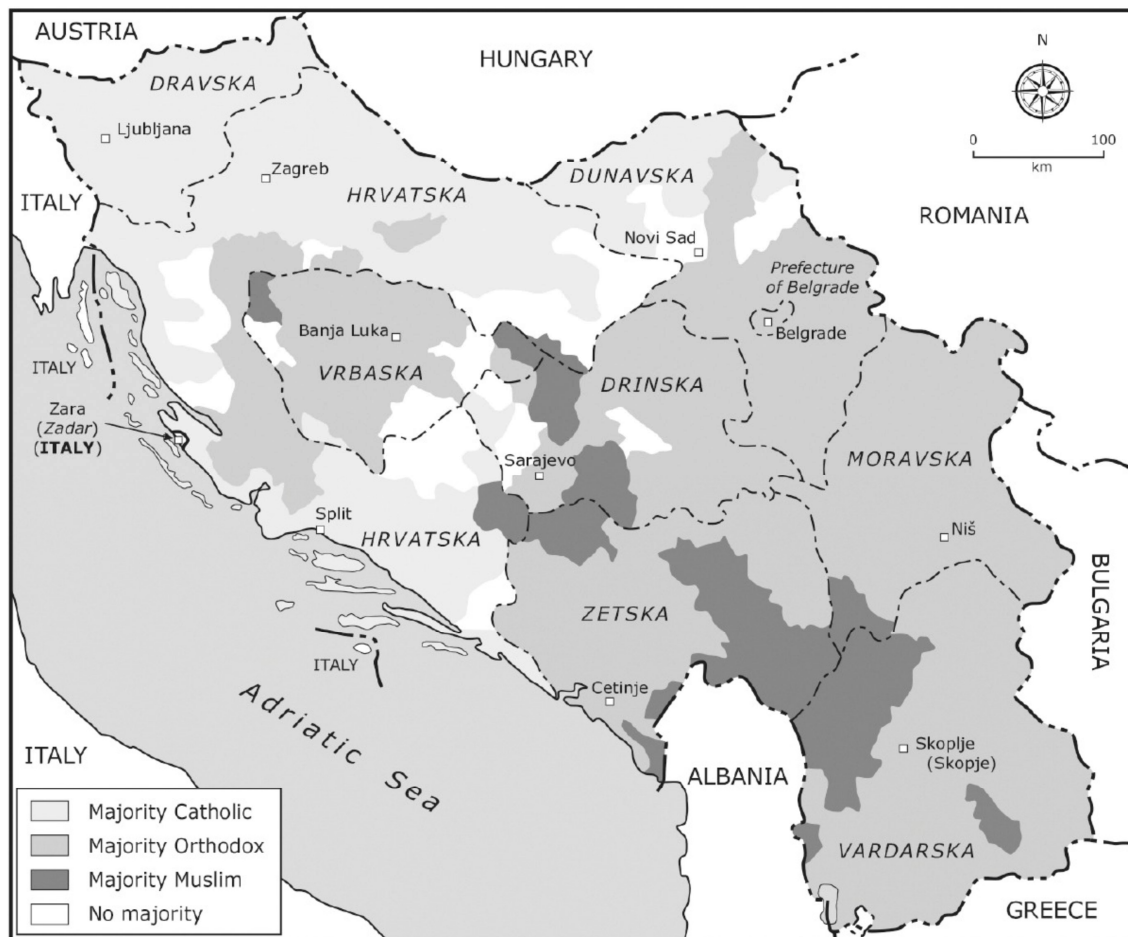


FIGURA 2: Mapa de distribuição da religião da população de acordo com censo de 1921.

FONTE: PAVLOWITCH, 2008, p. 13.

NOTA: Tradução da legenda de cima para baixo: “Maioria Católica”, “Maioria Ortodoxo”, “Maioria Muçulmano” e “Sem maioria” (tradução nossa).

ANEXO C

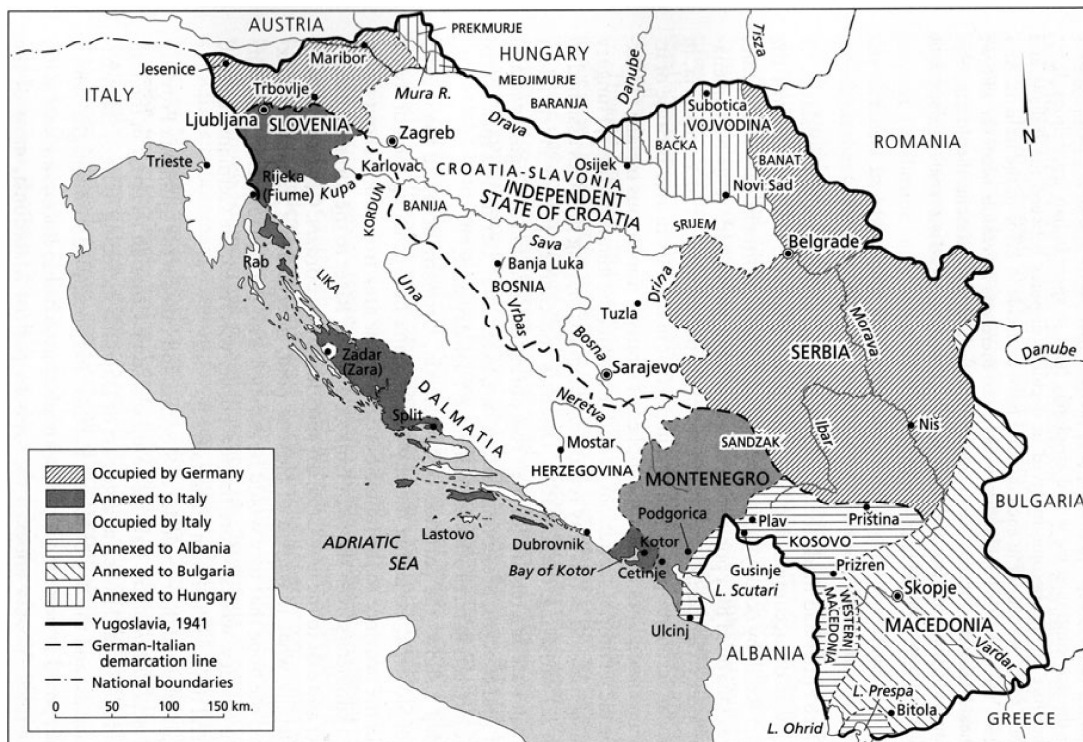


FIGURA 3: Mapa da Iugoslávia dividida após a invasão do Eixo.

FONTE: HOARE, 2013, p. 16.

NOTA: Tradução da legenda de cima para baixo: “Ocupado pela Alemanha”, “Anexado pela Itália”, “Ocupado pela Itália”, “Anexado pela Albânia”, “Anexado pela Hungria”, “Iugoslávia em 1941”, “Linha de demarcação Alemã-Italiana” e “Fronteiras nacionais” (tradução nossa).

ANEXO D

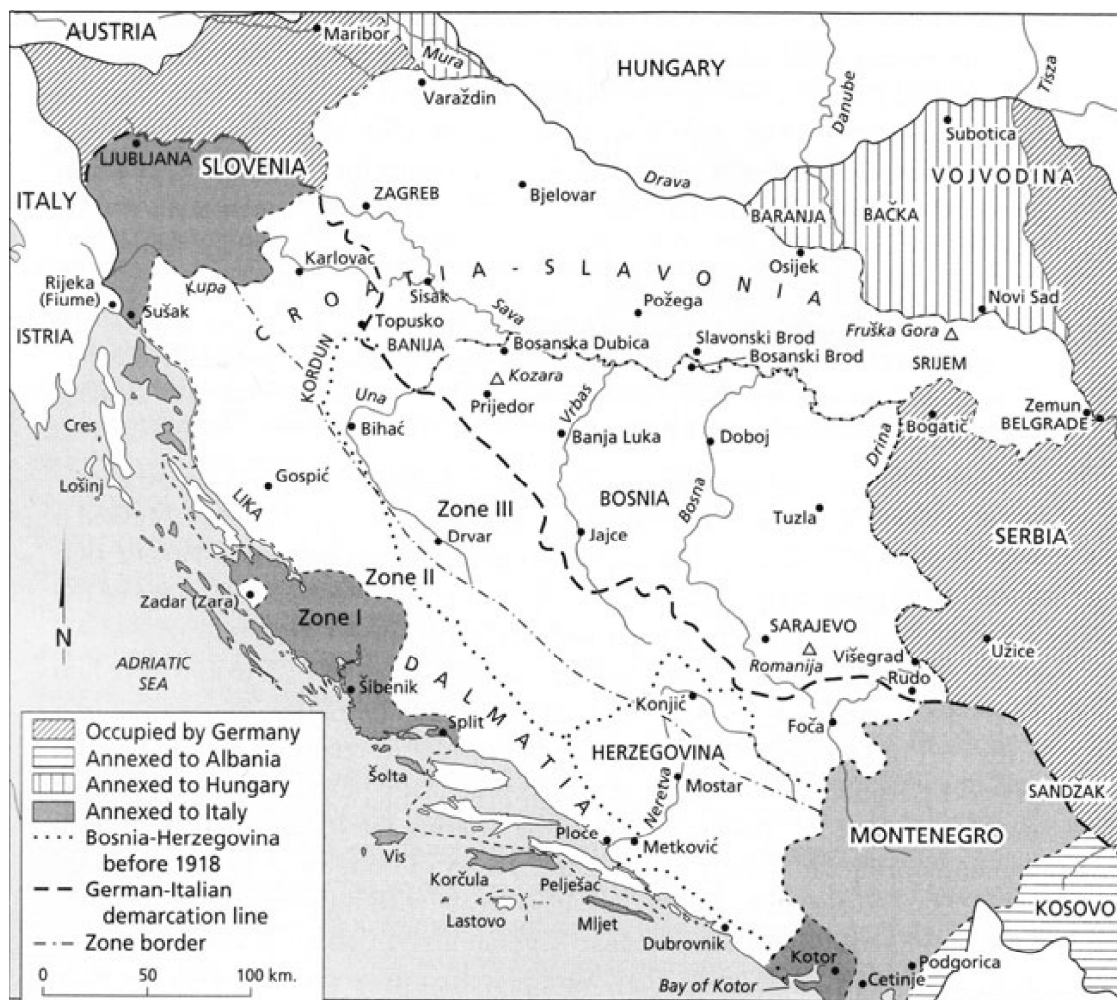


FIGURA 4: Mapa do Estado Independente da Croácia, 1941-1945.

FONTE: HOARE, 2013, p. 22.

NOTA: Tradução da legenda de cima para baixo: “Ocupado pela Alemanha”, “Anexado pela Albânia”, “Anexado pela Hungria”, “Anexado pela Itália”, “Bósnia-Herzegovina antes de 1918”, “Linha de demarcação Alemã-Italiana”, “Zona de fronteira” (tradução nossa)